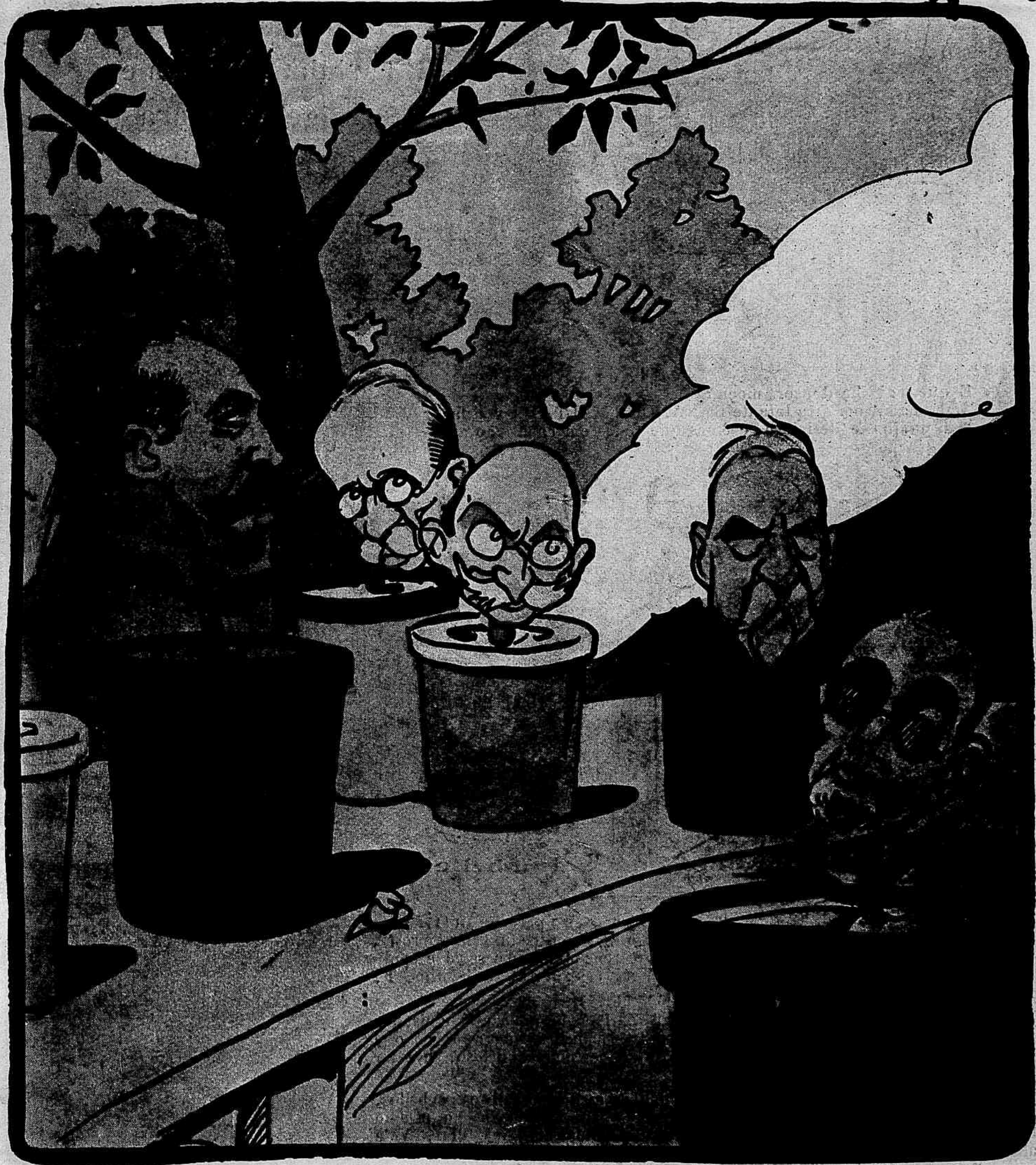


REVISTA DA SEMANA



CANDIDATURAS — *O pior é se a Política fica “tiririca”...*



BANANOSE MALTADA

A saúde das crianças,
o socego das mães
ao alcance de todos

Farinha deliciosa e
digestida para crianças,
delhos e debilitados.

DEPOSITARIO GERAL

E. RUFFIER

Rua S. Pedro, 128

RIO DE JANEIRO

e á venda em toda a parte

« E que mais ha de ser, moça? »
» Nada mais, com esta lata de BANANOSE MALTADA vou fazer
saborosos pudins e delicioso crêmes que todos em casa vão apre-
ciar... »

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal,
às 2 1/2, e aos sabbados, às 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy n. 45

Hoje 15

do corrente

200:000\$

26 - 1.

Por 110\$000

Correspondencia á Companhia de Loterias Nacionais do Brasil, caixa n. 41 .aa Primeiro de Março
n. 88. Rio de Janeiro.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua do
Ouvidor n. 94 nesta capital, acompanhados de mais 500 rs. para o porte do Correio.

Senhoras e Senhoritas

Quereis ser formosas e conservar a belleza ?

— USAI —

Depilatorio Lopez

Para fazer desaparecer instantanea-
mente o cabello ou pennugem do rosto,
collo, mãos, braços, ou de qualquer parte do corpo : unico que se póde appli-
car no rosto : resultados garantidos, (evitar imitações ; exigir o legitimo F.
LOPEZ).—VIDRO 5\$000—Pelo correio 6\$000.

Loção de Venus

de F. LOPEZ—Para branquear a cutis, faz
desapparecer as manchas do rosto, cóllo e
braços, communica á pelle uma brancura ideal e perfume delicioso, superior
a todos os crêmes.—VIDRO 4\$000.

Ondulina

de F. LOPEZ—Para ondular e aformosear os cabellos,
por mais rebeldes que sejam, fortificando-os ao mesmo
tempo, a ONDULINA cura a caspi, quáda dos cabellos em tres dias. Vide
atestados.—VIDRO 3\$000.

Depositos : Drogaria Berrini — Rua do Hospicio, 18 — Rio de Janeiro

Em S. Paulo : Baruel & Comp. — Rua Direita, 1 e 3

VENDEM-SE NAS DROGARIAS E PERFUMARIAS

FLÔR DA BELEZA



O melhor producto até hoje conhe-
cido para embellezar a cutis. Cura ra-
pidamente todas as impurezas da pelle
dando a cutis belleza e encantos.
Vende-se nas DROGARIAS, FARMACIAS e PERFUMARIAS.

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1913

Anno XIII—N. 666—Avulso 300 réis
—Avenida Rio Branco 110 e 112

O QUE ELLA QUER



—Said ali, sae d'aqui!

CHRONICA

A cadeira do Cattete
continúa a ser a *nota*;
já se torna até cacete
quando não chega á chacota !

Cada qual diz uma cousa
a tratar desta questão;
toma uns ares de *raposa*
e... lá vae revelação :

— O candidato *papavel*
— entra a *pose cathégorica* —
é um *paredro* notavel
sem reclame e sem rhetorica !

Por mais que se faça e diga,
o caso confesso *in petto*,
ha de ser — não é intriga —
o nosso Dantas Barreto !

Outro, então, contesta a nova
e volve todo taful :
— Você vae atraz de *trova* ? !
O candidato é do sul !

Se não fôr o Lauro, o Nilo,
ou outro mais *cathedratico*,
será o Pinheiro, dil-o
qualquer um que seja pratico.

— Qual nada, torna um terceiro,
o candidato escolhido
é do sul, mas é mineiro
e bastante conhecido !

Se não fôr o Chico Salles,
ha de ser o Wenceslão ;
meu amigo, *não te embales*
com cantos de bacurão !

— Era só o que faltava,
retruca um velho politico ;
S. Paulo tem cheia a aljava
e nunca foi paralytico.

Se não fôr o Campos Salles
será o Rodrigues Alves ;
ando por montes e valles,
mas não sou nenhum Gonçalves !

— Ora, meu caro, outro fala,
o candidato feliz,
a julgar pela cabala,
ha de ser o D. Luiz !

— Neste caso, um outro acode
sem fazer nenhum prefacio,
garanto — não é pagode —
que será *seu* Epitacio !

— E o Seabra, volve um bahiano
exordiendo o seu *discurso*,
será possivel que o plano
não siga seu livre curso ? !

Nas ruas, nas Avenidas,
em casa, de quando em vez,
as palestras mais ouvidas
não eram de outro jaez !

Por mim, sem espalhafato
gritarei na praça publica :
só quero que o candidato
não *monarchise* a Republica !

J.

AS CANDIDATURAS



ZE' — V. Ex. acha então muito cedo para ser apontado o futuro presidente ?

— Certamente que sim.

ZE' — E de onde sahirá esse candidato ?

— Daquella matta sahirá o coelho.

O FUTURO PRESIDENTE

Já começou a azafama terrivel para chegar-se á certeza de quem será o homem que futuramente, no proximo quadriennio, virá governar esses brazis, dispôr de todos os empregos, reformar todas as repartições e ser o representante genuino da soberania popular.

Ora, a lista dos indicados já não é pequena, mas, o numero dos que não acceitam o penosissimo encargo, o terrivel posto de sacrificios, é enorme. Ninguem quer acceitar semelhante incumbencia. De facto, não é lá cousa muito boa ter de aguentar, durante quatro annos a fio, uma alluviação de "amigos dedicados", fervo-

rosos correligionarios do Presidente e da... boa maquia que se lhes dá.

E' mesmo para um homem perder o juizo, ficar doido varrido, ainda mais, nessa época em que dizem que os doidos já não têm mais carinho no Hospicio de Alienados.

Eu, de certo, attendendo essas considerações, não acceitaria o cargo. Não só não acceitaria, como jámais consentiria que algum amigo meu fizesse a tollice de acceital-o.

Só se fosse muito solicitado e na condição de "salvar" a Republica de alguma acephalia.

Mas, não vejo o motivo por que tanta preocupação agora, pois, sériamente encontro qualidades excepcionaes para esse cargo : no Pi-

nheiro, no Wenceslão, no Nilo, no Dantas, no Chico Salles, no Ruy, no Seabra, no Sabino, no Rodrigues Alves, nos dous Lemos e em tantos outros que militam em politica.

Qualquer um delles deve ser bom, optimo mesmo... Optimo é que não. Optimo seria aquelle que fosse meu compadre, amigo cá do peito e que, logo ao assumir a presidencia, me chamasse para algum cargo elevadissimo, bem remunerado, já se vê, onde eu pudesse prestar relevantes serviços á Republica e á... minha familia. Esse sim, é que seria um candidato excepcional e, na minha fraca opinião, o unico capaz de salvar a patria.

Os outros, cujos nomes estão sendo indicados, têm declarado que não acceitam, "que não foram, não são, nem serão candidatos". Não vejo, portanto, motivos para contrariar-os, mesmo porque, a Constituição nos diz que "ninguem é obrigado a fazer aquillo que não fôr de sua livre e espontanea vontade".

Em todo caso, com alguma insistencia, "a pedido de diversas familias", para attender aos povos e póvas, póde ser que algum delles acceite, se, porém, a resolução fôr inabalavel, firme e immutavel, então, como bom brasileiro que sou, lhes asseguro, meus amaveis leitores, que prestarei mais esse serviço á Republica, empoleirando-me, pelo voto do publico, está bem claro, na cadeira presidencial, e declamarei: "Como é para bem dos meus amigos e felici-

dade geral da minha familia, digam ao povo que acceito".

Depois de lá estar empoleirado, farei como o nosso mestre Rodrigues Alves, não sahirei nem a pão — "Aqui é que é o meu lugar".

Ah! ia-me esquecendo de uma condição essencial: se quizerem que acceite tão espinhoso cargo, não esqueçam de retirar aquelles "urubús" que estão sobre o Cattete, servindo de enfeite. Depois que alli foram postados, vocês estão lembrados, o azar parece ter entrado pr'a'li a quatro pés.

Lá não vou com aquelles agoiros. O diabo é preto! Retirem-n'os, que vou!

E assim, se ninguem acceitar, serei eu o candidato.

— E quem ha de ser o Vice?

— Não se preocupem: será uma Vice. A minha mulherzinha se incumbirá desse outro enfadonho cargo.

Assim, temos tudo feito e a Republica não ficará sem donos.

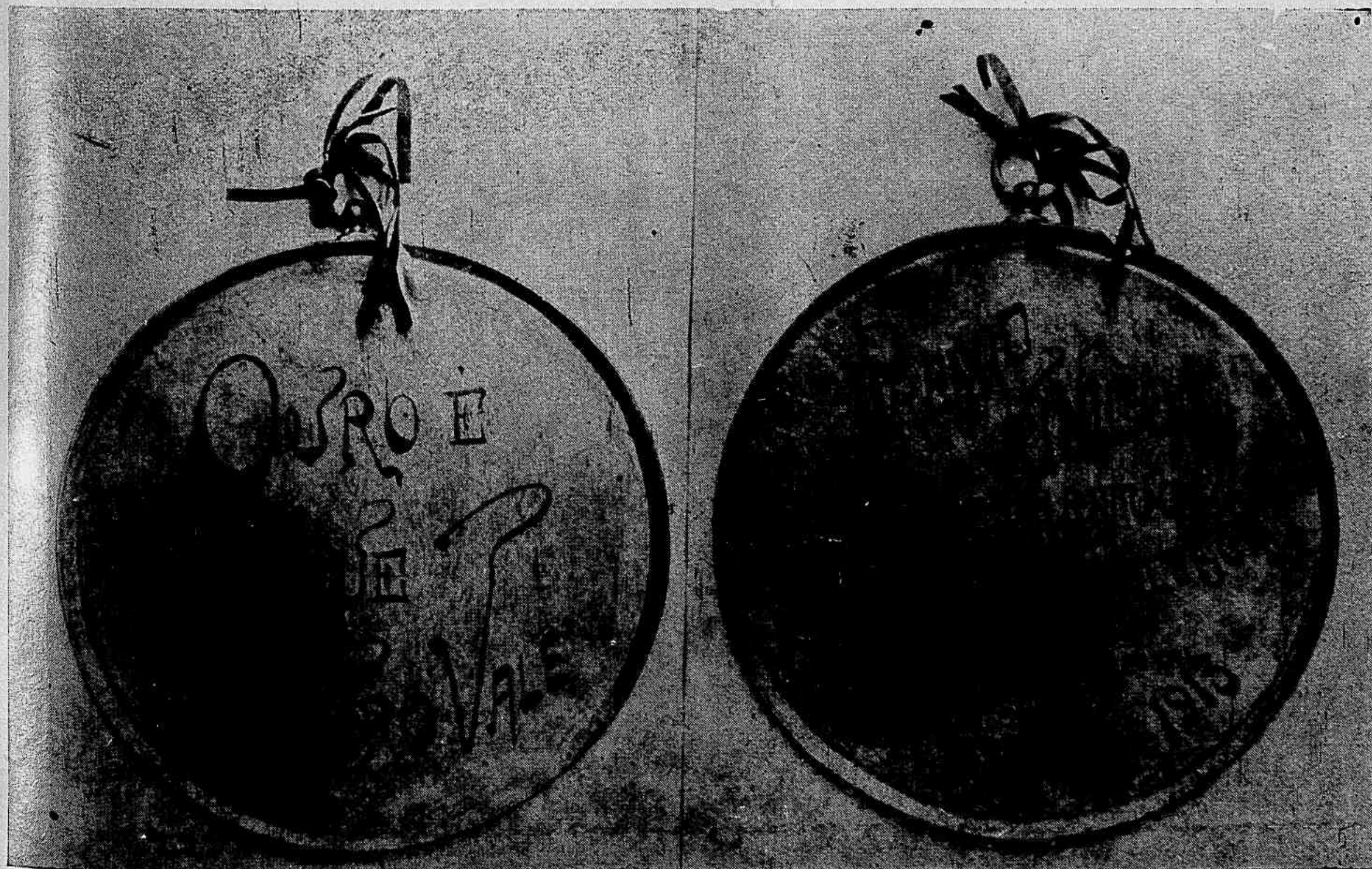
Desde já está o annuncio:

"Acceitam-se Ministros".

— V. Ex. vae este verão para Petropolis?

— Ainda não sei... meu sogro está muito mal... Se elle morrer, vamos com certeza... E' tão desagradavel estar de luto no Rio de Janeiro...

ECHOS DO CARNAVAL



Medalha que foi offerecida ao "Ruchura", carnavalesco do Club dos Fenianos

AÍND A OS CAIXOTES



CHEFE — Pouco a pouco elles hão de vir...



1 - «Brilhou lá no céu mais uma estrela
E apareceu candidato o Chico Salles!»
2 - Com a telephonica - Ou o deses-
pero de um desgraçado, vítima do desca-
so das senhoras telephonistas.

3 - Os desastres - Civil - Agora é tar-
de para gritar: Pernas para que vos quero!
4 - Já é ter sorte! Pois enão tem-se ido
toda a sua família em desastres de auto-
moveis e o senhor...

-Tenho escapado milagrosamente.
Porque será?
Porque eu nunca vi um automovel. Eu
sou de S. João de Sabará.

BODAS DE PRATA

O Sr. Senador Urbano Santos, por motivo do 25º anniversario de seu casamento (bodas de prata), recebeu muitas felicitações.



Aspecto da sala no momento em que fallava o Sr. Senador Urbano Santos, agradecendo a manifestação. — Um grupo de senhoras presentes á festa



A rica baixella de prata offerecida ao Sr. Senadar Urbano Santos

CARTAS DE UM TABARÉO

Bom compadre.

Rio, Fevereiro, 913.

Ainda repercutem os écos do Carnaval; ainda se procura saber qual a sociedade que ganhou na exhibição dos prestitos.

Em luta pela conquista dessa prioridade, os litigantes se excedem na escala dos desaforos, muitos dos quaes resvalam do alvo para irem ferir a quem nada tem que vêr com o peixe que procuram vender.

Em muitas casas familias brigam e ficam de mal só por amor das sociedades; as opiniões se dividem, emittem argumentos e acabam brigando.

Póde parecer carrancismo, o que queiram, mas acho que o Carnaval poderia produzir alguma cousa de util, ou, pelo menos, podia não produzir tantos estragos moraes com as exhibições impudicas a que dá lugar.

* *

Continúa a luta pela conquista das sympathias para a eleição presidencial.

Tem fervido extraordinariamente a panella da intriga politica.

Surgem candidatos a cada passo; e vão surgindo, sendo discutidos e... inutilisados.

Parece que nenhum dos fallados abiscoitará a

desejada cadeira; no que a possuirá ainda se não fallou.

* *

Passou o primeiro anniversario da morte de Rio Branco, meu querido, e passaria despercebido, se não fosse uma modesta sociedade que tomou a si a incumbencia da commemoração.

Do Ministerio apenas compareceu o Ministro da Marinha, apesar de bem doente como se acha.

E' incrivel o desmemoriamento do nosso povo. Ha um anno, uma verdadeira apothese ao benemerito morto, parecia que a saudade seria eterna; que eternamente chorariamos o desaparecimento do nosso chancellor.

Entretanto, um anno depois...

* *

Está marcada para 2 de Abril uma reunião extraordinaria do Congresso, para tratar doCodigo Civil.

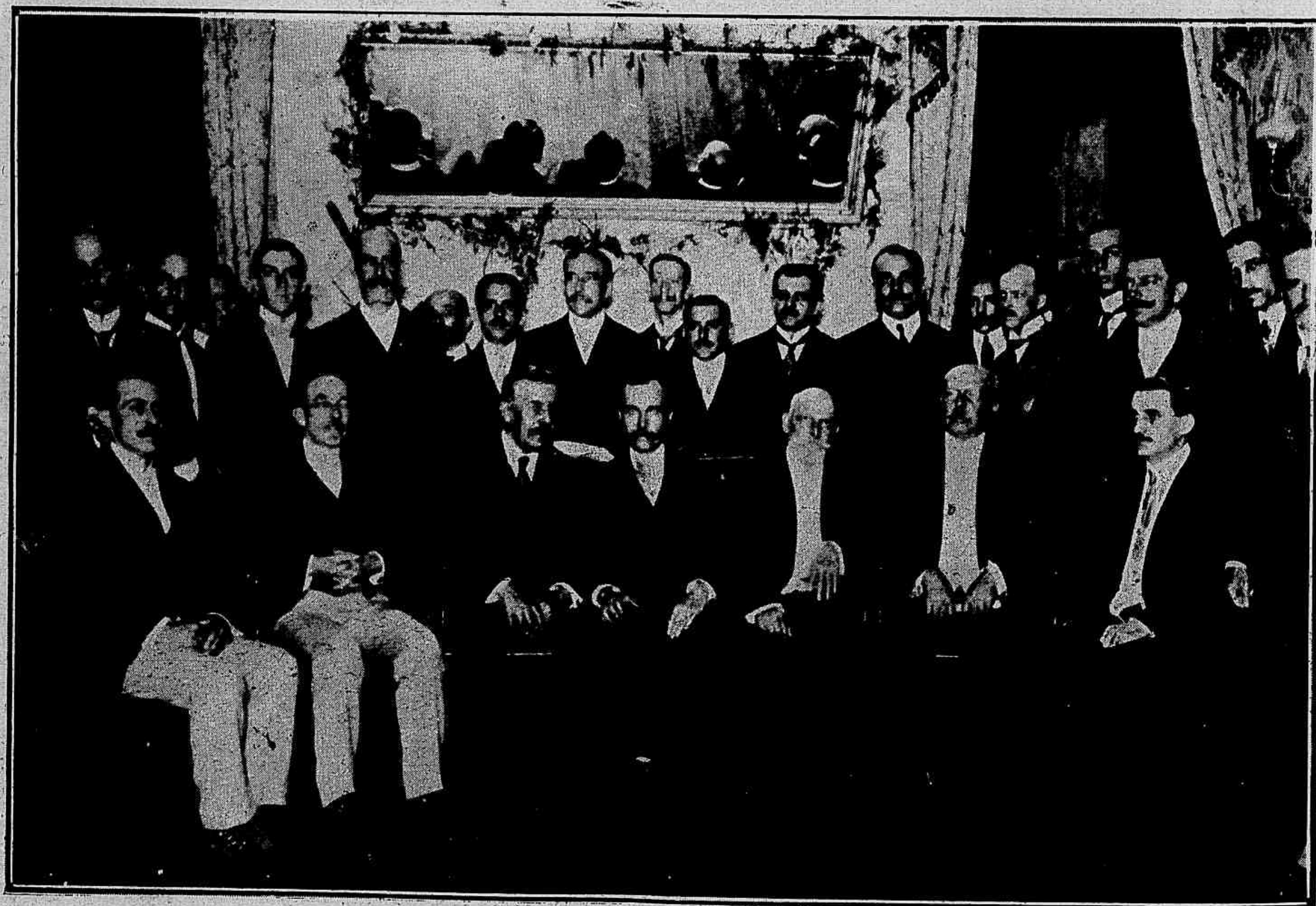
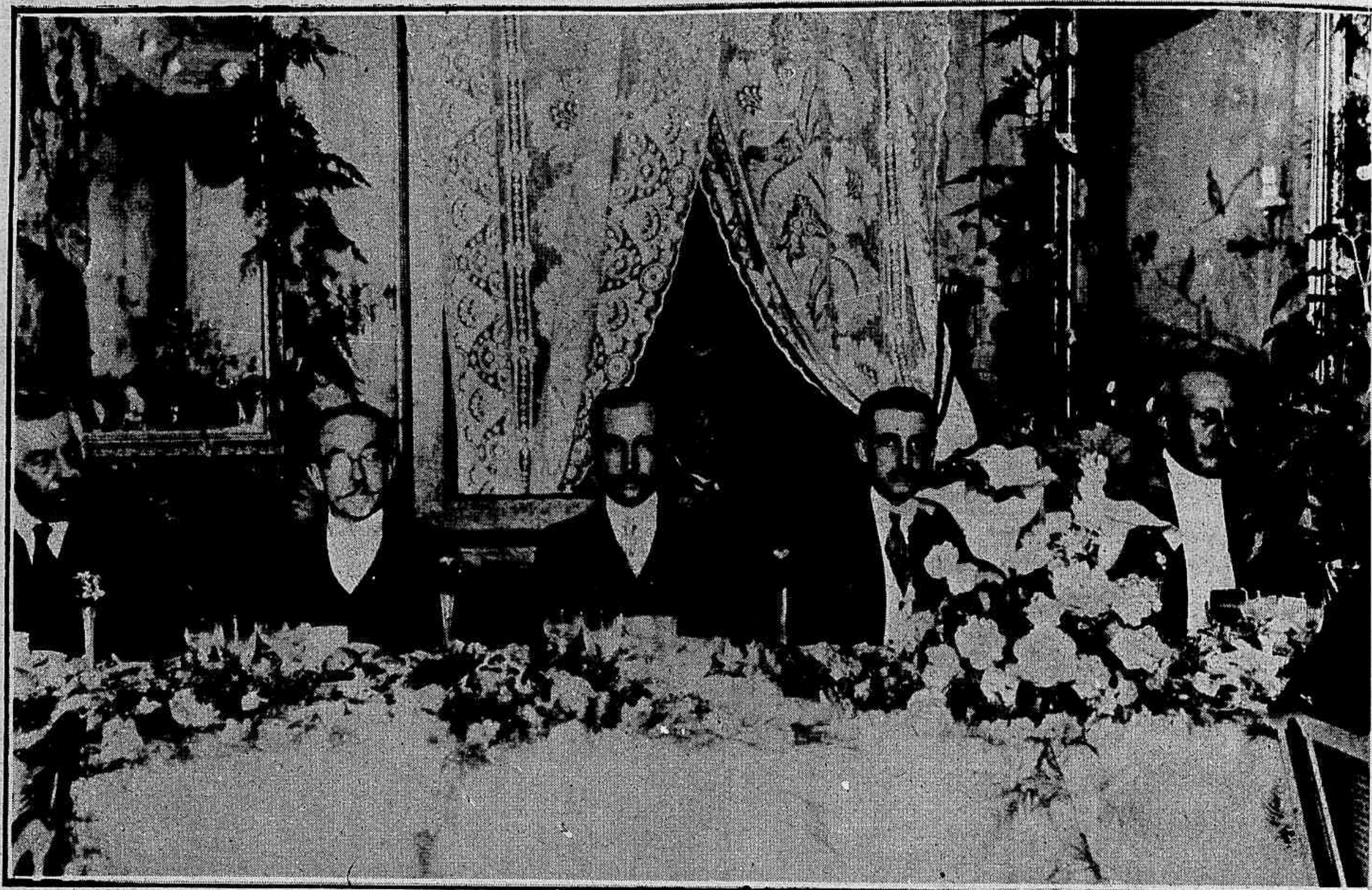
Quer dizer que teremos este anno mais um mez de diversões politicas e que, segundo a regra, só para Janeiro ou Fevereiro teriamos os orçamentos, se não fosse obrigado o Congresso a dal-os até o ultimo dia do anno.

E com esta, adeus.

Teu

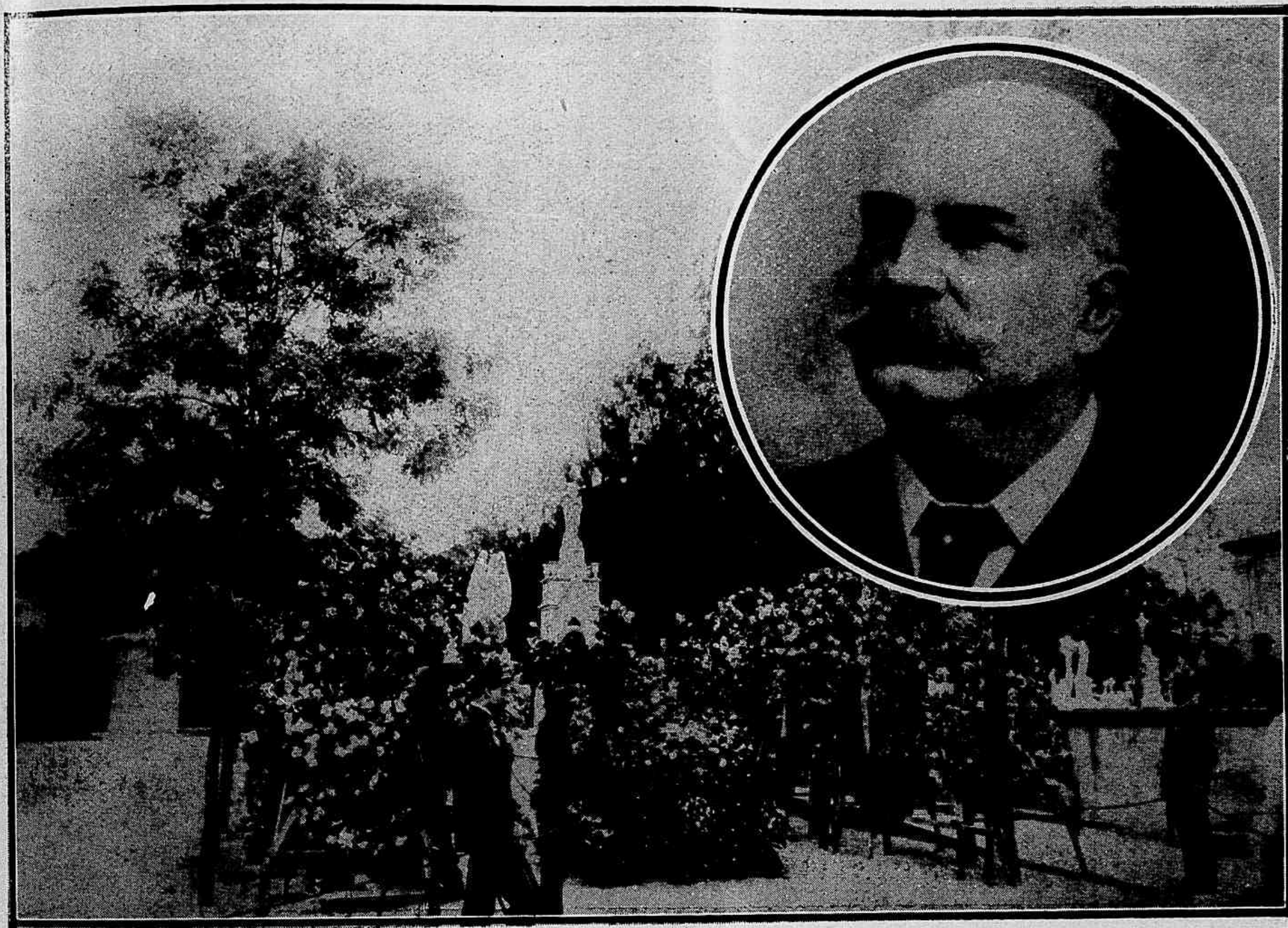
BERMUDES.

ALMOÇO AO DR. RIBEIRO JUNQUEIRA



Realizou-se no dia 9 de Fevereiro, no salão da Confeitaria Paschoal, o almoço que um grupo de admiradores ofereceu ao Deputado mineiro Dr. Ribeiro Junqueira. Em nome da comissão fallou o Dr. Gama Cerqueira que offereceu ao Deputado Junqueira o almoço.

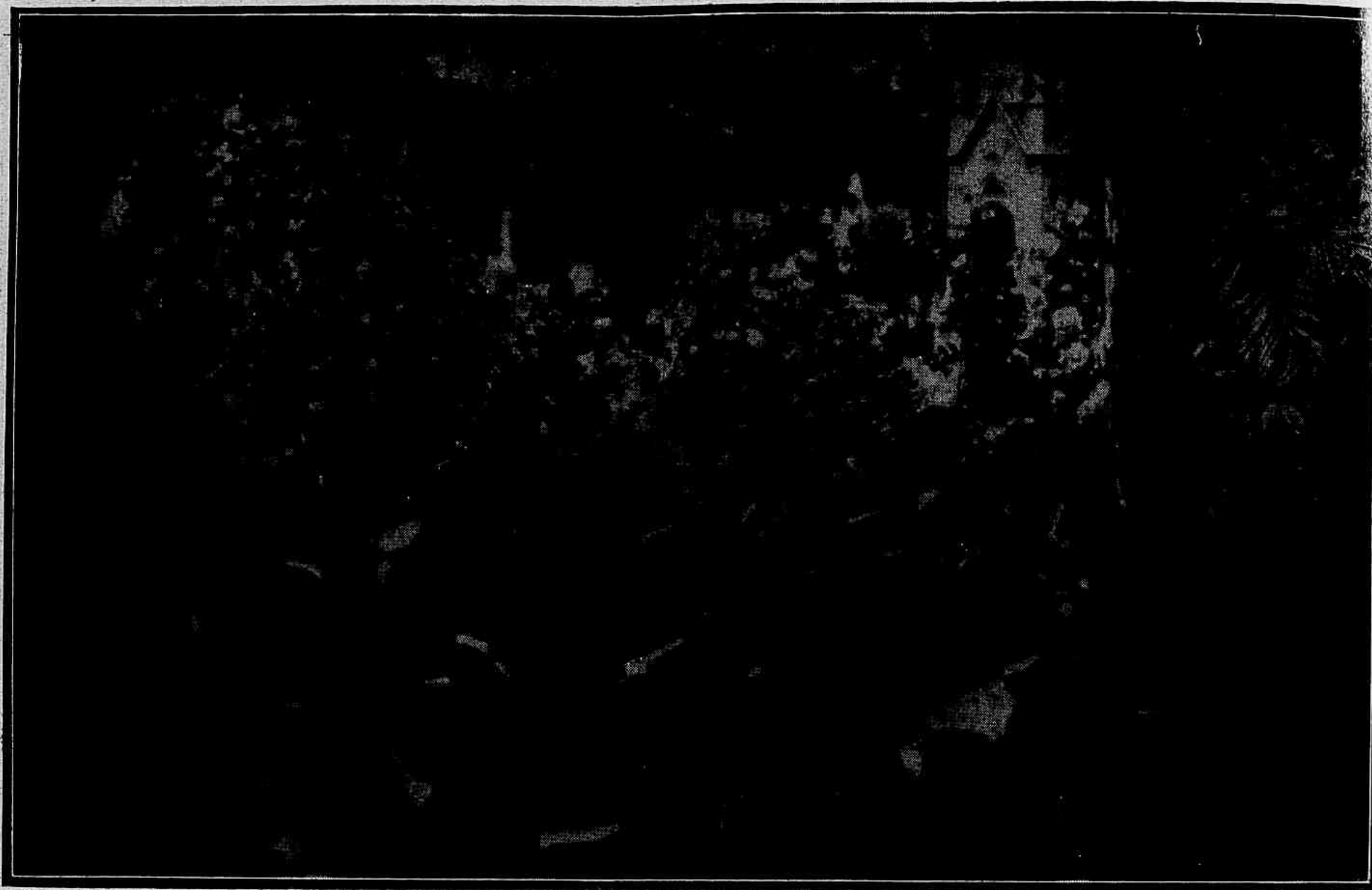
BARÃO DO RIO BRANCO — O anniversario da morte do grande chancellor — A romaria civica



O tumulo do Barão do Rio Branco, no cemiterio de S. Francisco Xavier



O prestito civico chegando ao cemiterio de S. Francisco Xavier



Um aspecto da romaria ao tumulo do Barão do Rio Branco



Manifestação Raboeira — O Intendente Municipal Sr. Coronel Ednardo Raboeira, cercado de sua família e amigos que no dia 10 do corrente, data de seu aniversário, lhe ofereceram seu retrato a óleo



O Sr. Coronel Eduardo Raboeira, senhora, irmã e sobrinhos

A estatística publicada dos socorros prestados pela Assistência, revelou o excelente serviço da benemerita instituição durante o Carnaval.

Ha, porém, nesse trabalho, alguma corsa de macabramente gaiato — o anestesiado pelo lança-perfume...

Como é que se consegue anesthesiar um pandego deitando-lhe lança-perfume?

Diz a estatística que a anestesia do doente foi geral...

Que horror!

Mas o melhor da publicação não é isso. O melhor está na revelação de que apenas de 33, foi o numero de *chuvvas* socorridos.

Melhor fôra que ninguém se embriagasse... Ha, porém, a facilidade que os viciados encontram para beber, parece insignificante o numero de *macafeiros*.

Ainda assim, para curar tanta mona, foram certamente precisos alguns kilos de amonea...

— Doutor, diga-me toda a verdade, veja que seu seu genro.

— Coragem, meu amigo, sua sogra está salva!

Na Avenida Rio Branco:

— Creio que inventei o balão dirigível, dizia um sujeito maniaco..., mas não me atrevo a ser o primeiro a entrar nelle... Se me apparecesse algum homem de coragem...

— Tenho o que precisas.
— Quem?
— A minha sogra.

Gasa BOITEUX

Tapeçarias e Moveis

ARTIGOS PARA ORNAMENTAÇÃO DE CASAS
ESTEIRÕES, OLEADOS, CAPACHOS

Sortimento

completo
de Tapetes,
Cortinas
e Cortinados

Henrique Boiteux & C.

Armadores e Estufadores

31, RUA URUGUAYANA, 31

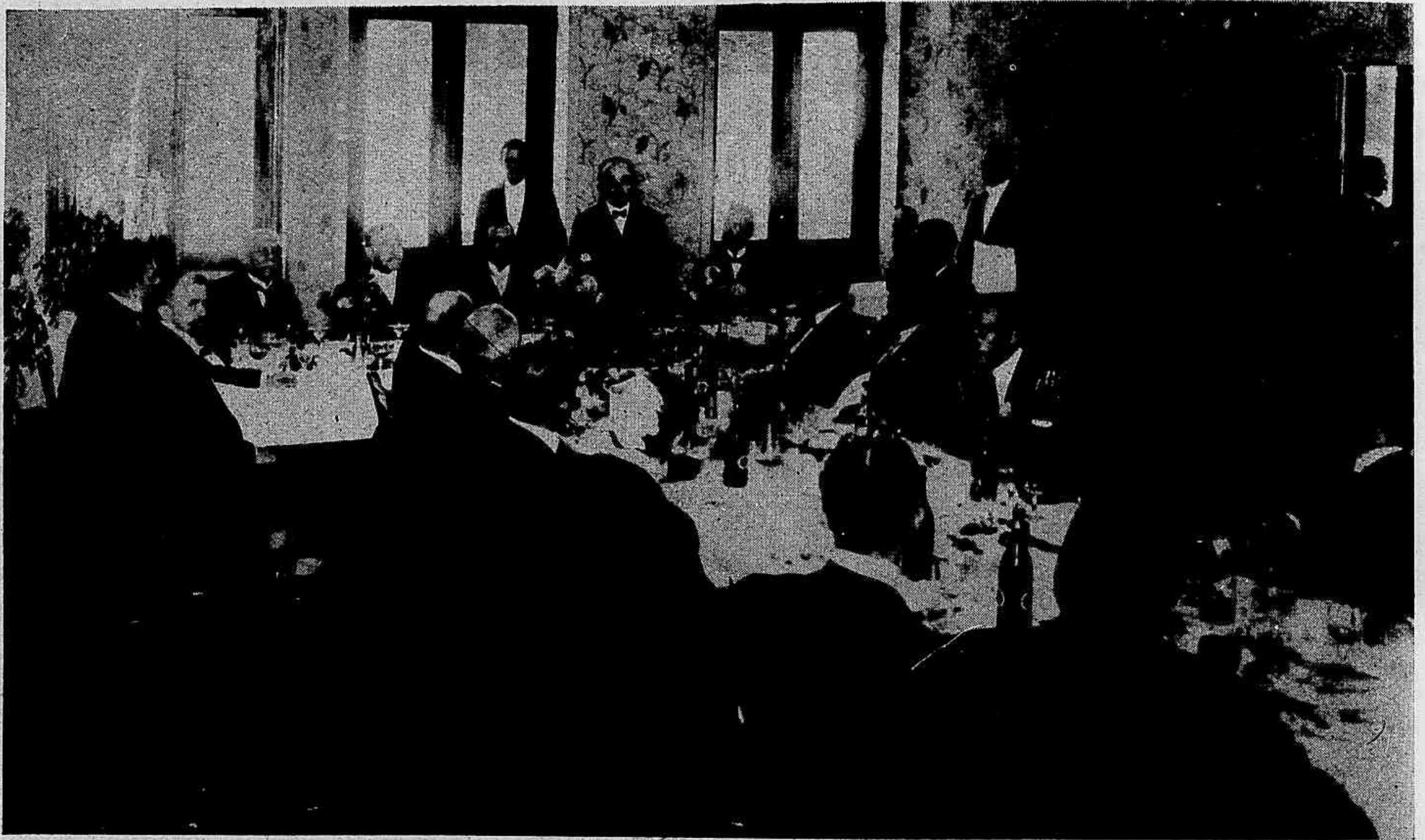
TELEPHONE 1850

Rio de Janeiro



MANIFESTAÇÃO

Almoço offerecido ao Dr. Moreira da Silva, que partiu para o Ceará, afim de tomar posse do cargo de Deputado ao Congresso d'aquelle Estado



Almoço no hotel Sul-America



Pessoas presentes ao almoço offerecido ao Sr. Deputado Moreira da Silva

A ROMARIA AO CEMITERIO DE MARUHY

Realizou-se, a 9 do corrente, a romaria ao cemiterio de Maruhy, em commemoração ao 19º anniversario do combate da Armação. A concurrencia foi extraordinaria, tendo a ella comparecido representantes do Exercito, Armada, Guarda Nacional, Policia Federal e Estadual e dos batalhões patrioticos.



O Coronel Goldsmith orando



Aspecto da romaria ao cemiterio



O Dr. Gastão Victoria, orando junto ao monumento

EM CASA DE UM CONHECIDO SENADOR

Uma senhora — Que linda bibliotheca tem V., minha cara amiga! Póde emprestar-me alguns volumes para lêr? Ando tão carecida de distração!

A amiga — Sinto não poder; mas é tão raro achar quem restitua os livros!

Olhe; tudo que aqui vê, são livros emprestados.

O mendigo cego a senhora que lhe dá esmola:

— Quantos filhos tem V.?

— Oh! minha boa senhora, como poderei contal-os, si não vejo?

Um sujeito na loja do seu fornecedor habitual:

— Meio kilo de gruyère; mas fica entendido, meu rapaz sem buracos. A ultima vez que V. me vendeu, havia pelo menos meia libra de buracos.

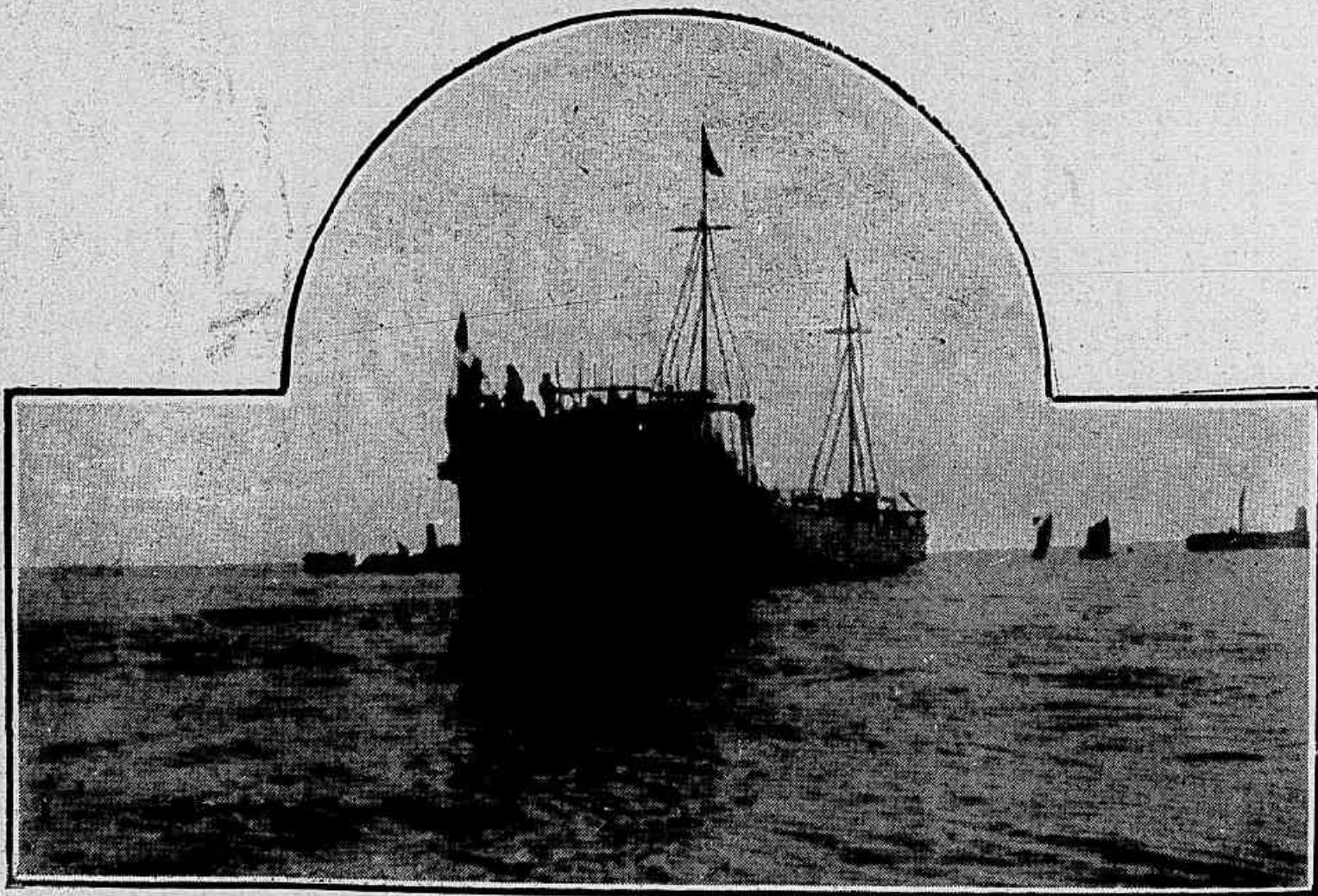
Um estatístico affirma que o hymno nacional mais curto que se conhece é o *God save the Queen*, que tem 14 compassos. O mais

longo, é o da China, que precisa de metade de um dia para ser tocado; depois vem o da Republica de S. Marino.

Por mais soberbas que sejam as distincções de que os homens se lisonjeiam, a verdade é que todos elles provêm da mesma origem.

NOVO "DESTROYER" PORTUGUEZ

No dia 22 de Janeiro findo, em Lisboa foi lançado á agua o novo "destroyer" portuguez *Douro*.



O "Douro" boiando, momentos depois de lançado ao rio

ENGHIEU

RESTAURANTE
DE
PRIMEIRA ORDEM

A DEZ MINUTOS DE PARIS

ESTABELECIMENTO
THERMAL
Aguas sulfurosas

TEMPORADA: DE ABRIL A OUTUBRO

GRANDE CASINO MUNICIPAL, O MAIS LUXUOSO DO MUNDO

Theatro — Concerto — Lago — Embarcações — etc.

TODAS AS ATRACÇÕES DOS LOGARES BALNEARIOS

A moda

Paris, 14 de Janeiro.

Deve-se nascer modista como se nasce poeta: saber vestir a mulher não pôde deixar de ser um facto psychologico, porque sómente quem estuda aquelle *métier* poderá comprehender suas caprichosas exigencias e acompanhá-las nas suas mais perturbadoras fantasias.

Não se poderá negar que hoje em dia é do theatro que nos vem a luz... em materia de moda, bem entendido. Nossos autores modernos levaram á scena mais do que tem sido feito em qualquer outra época, paginas inteiras da vida tal qual ella é em sua intensiva realidade. Os personagens de uma peça não nos apparecem mais como fan-

toches de convenção, mas como typos verdadeiros, naturaes, que frequentemente se nos apresentam como modelos de esthetica. E eis nos do mesmo modo tentados a penetrar a existencia dos artistas, a conhecê-los, a copiar-los em seus gostos em sua elegancia, em suas *toilettes*, nos proprios cuidados que elles têm com a sua belleza.

E' assim que os enfeites fogem da scena para percorrer a cidade e os pequenos segredos que a *coquetterie* preconiza deixam o palco para fazer a volta do mundo.

Podemos verificar esse facto pelo successo do *Véritable Lait de Ninon* da *Parfumerie Ninon*, pelo qual as moças mais elegantes de Paris têm predilecção, e que as leitoras do *Jornal do Brasil* podem actualmen-

te encontrar nos grandes *magazins* e nas melhores perfumarias das principaes cidades do Brasil. E' um producto especial para branquear a pelle e dar-lhe um excepcional brilho de mocidade. E' admiravel para o rosto, o pescoço, as espaldas e os braços. Todas as pessoas que o têm usado mostram-se encantadas.—
L. de L.



A BELLEZA não se adquire. Para conservar a que se possui, empregue-se na toilette quotidiana o Crème, o Pó de Arroz e o Sabonete de Crème Simon.

OS VESTIDOS DE VOLANTES

A moda actual compraz-se com um eclectismo tal que, com descripção de algumas *toilettes*, avizinhandose do mais divertido imprevisto, acreditar-se-ia transportado a um baile á fantasia: a tunica Directorio põe em destaque o casaco Luiz XIII e o vestido do seculo dezoito. Os modernos costureiros tomam emprestado a todos os paizes e a todas as épocas estas novidades que elles combinam com sabedoria e arte.

E' assim que actualmente estes vestuarios lembram, com os seus volantes, as *toilettes* do segundo Imperio, menos amplas, entretanto.

Todo de tulle branco orlado de zibelina, o vestido é feito de altos volantes franzidos e o corpinho, quasi completamente dissimulado sob um largo lenço de pescoço cruzado.

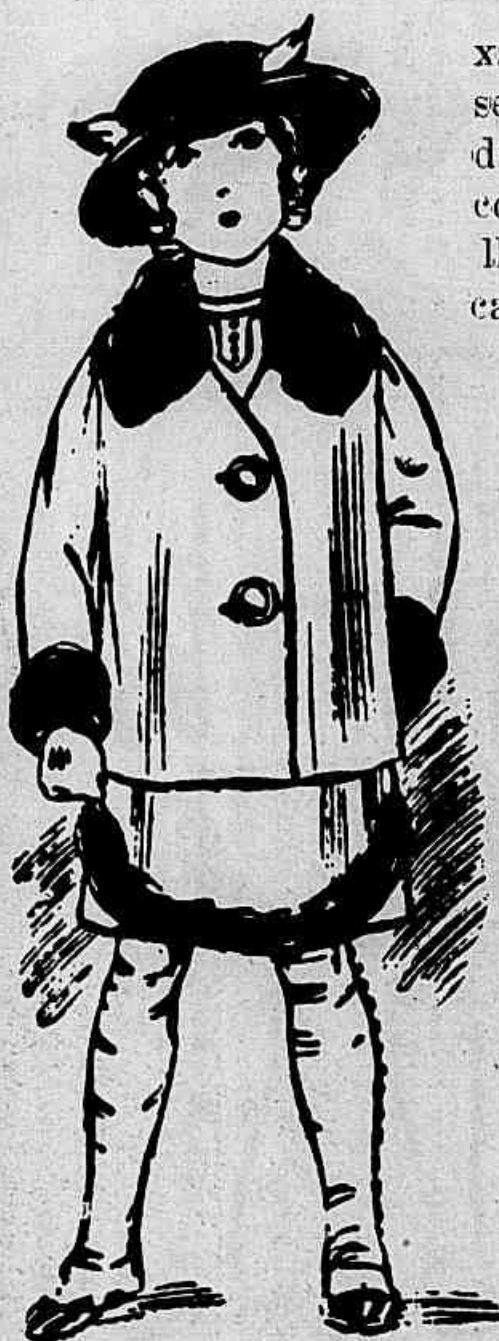
"TOILETTE" INFANTIL

Sem ir ao exagero de deixar as crianças sem luvas e sem polainas nos climas frios, durante o inverno, cumpre reconhecer que é perigoso agasalhar muito os pequenos que, brincando, se movimentam muito.

Quando o inverno é suave, as vestimentas de veludo, de pelles, de lã ou de tecidos pesados, tornam-se incommodas.

Eis aqui uma jaqueta bastante ampla e commoda; a jaqueta deve ser guarnecida do mesmo modo que o vestido; se não se encontrar o mesmo tecido, pôde empregar-se velludo ou seda sobre um vestido de lã ou inversamente.

Fixa-se uma golla de pelle que será facil substituir-se na primavera e da mesma qualidade de pelle se guarnecem as mangas e a barra do vestido.



A DIVIDA PUBLICA NA EUROPA

A *Finance pour tous* contém um quadro comparativo da divida publica dos diversos paizes da Europa em 1875 e em 1910. Só tres Estados diminuíram a sua divida no ultimo quartel do seculo findo e dous delles não passam de paizes de finanças folgadas.

Foram as tres excepções: a Turquia, que diminuiu 823 mil contos da nossa moeda (fazemos a redução na razão de 1\$ o franco), a Hespanha 744 mil contos e a Grã-Bretanha três milhões seiscentos e noventa e cinco mil contos. Esta ultima potencia ha annos que suspendeu a amortização da divida e a tem augmentado por motivo da guerra do Transvaal.

Sómente o Grão-Ducado de Luxemburgo ficou estacionario com uma dividade 12 mil contos. Em todos os outros Estados da Europa a divida publica cresceu nestes 25 annos, nesta progressão em milhar de contos da nossa moeda:

Estados	1875	1900
Dinamarca	262	267
Finlandia	65	115
Suissa	31	84
Noruega	68	252
Suecia	196	397
Grecia	430	798
Paizes Baixos . . .	1,967	2,394
Roumania	532	1,392
Belgica	1,127	2,607
Portugal	1,962	3,947
Italia	9,884	12,890
França	20,162	26,065
Austria - Hungria .	7,802	14,606
Russia	6,426	16,454
Allemanha	4,035	16,179

Eis como a mesma brochura distribue por esses paizes a quota da divida por habitante:

Portugal, 727\$; França, 675\$; Turquia, 649\$; Hespanha, 522\$; Paizes Baixos, 465\$; Italia, 405\$; Belgica, 386\$; Inglaterra, 384\$; Austria-Hungria, 323\$; Grecia, 310\$; Allemanha, 296\$; Roumania, 244\$; Russia, 154\$; Noruega, 111\$; Dinamarca, 115\$; Suecia, 78\$; Luxemburgo, 54\$; Finlândia, 43\$; e Suissa, 27\$000.

A primeira lagrima de amor que fazemos verter parece um diamante, a segunda uma perola, a terceira uma lagrima

Exija sempre o cão Victor



Victor I
Rs. 85\$000

Outros modelos desde
Rs. 40\$000 a 100\$000

O leitor não obtem a bella, rica e clara qualidade sonica da Victor a não ser que o instrumento e os discos conttenham a gravura do cãozinho Victor.

Entre em qualquer estabelecimento onde veja a marca da fabrica Victor e peça para ouvir a Victor-Victrola.

Victor Talking Machine Co., Camden, N. J., E. U. da A.

Para se obterem os melhores resultados usem-se unicamente as agulhas Victor com os Discos Victor

Nenhuma Victor e genuína sem o Cãozinho



IVER LAWSON

WILLEY

BROCCO

BERTHET

VANHOUWAERT



PETIT BRETON

COMÈS

Os campeões de França

142 horas na pista

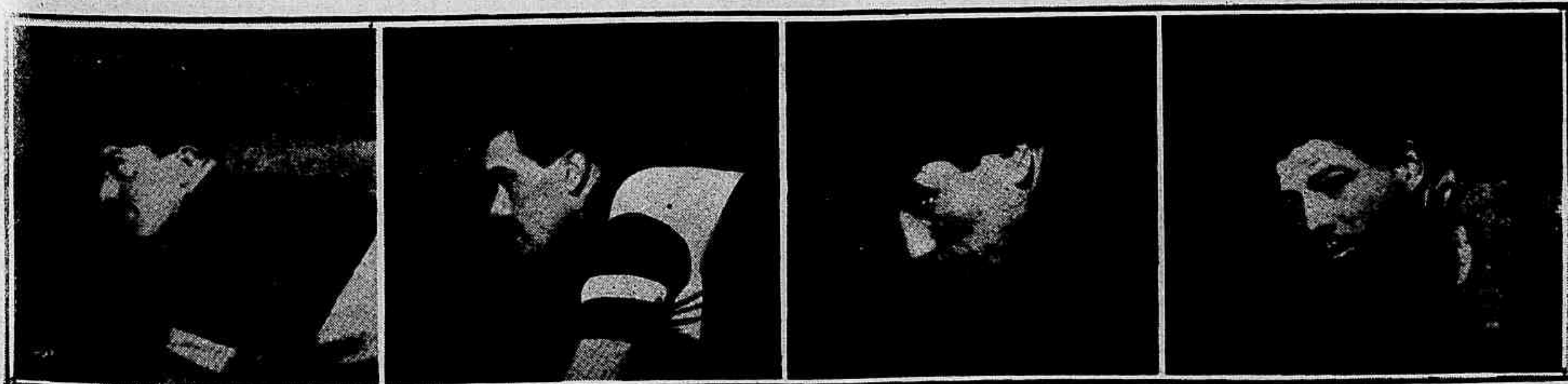


LAPIZE

DUPRE

POLLEDRI

VERDI



CHARLES CHARRON

ALBERT CHARRON

GERMAIN

LÉONARD

CADUQUICE VEGETAL

Tambem os vegetaes padecem da senectude. Tambem têm uma especie de anomalia da velhice. Assim como nós, em idade avançada, trocamos

o que queremos dizer, tambem ás arvores succede o mesmo.

E' dizer-se que a nossa maluqueira começa, em geral, aos noventa annos. Uma bananeira, para dar laranjas, precisa ter, pelo menos, quinhentos annos.



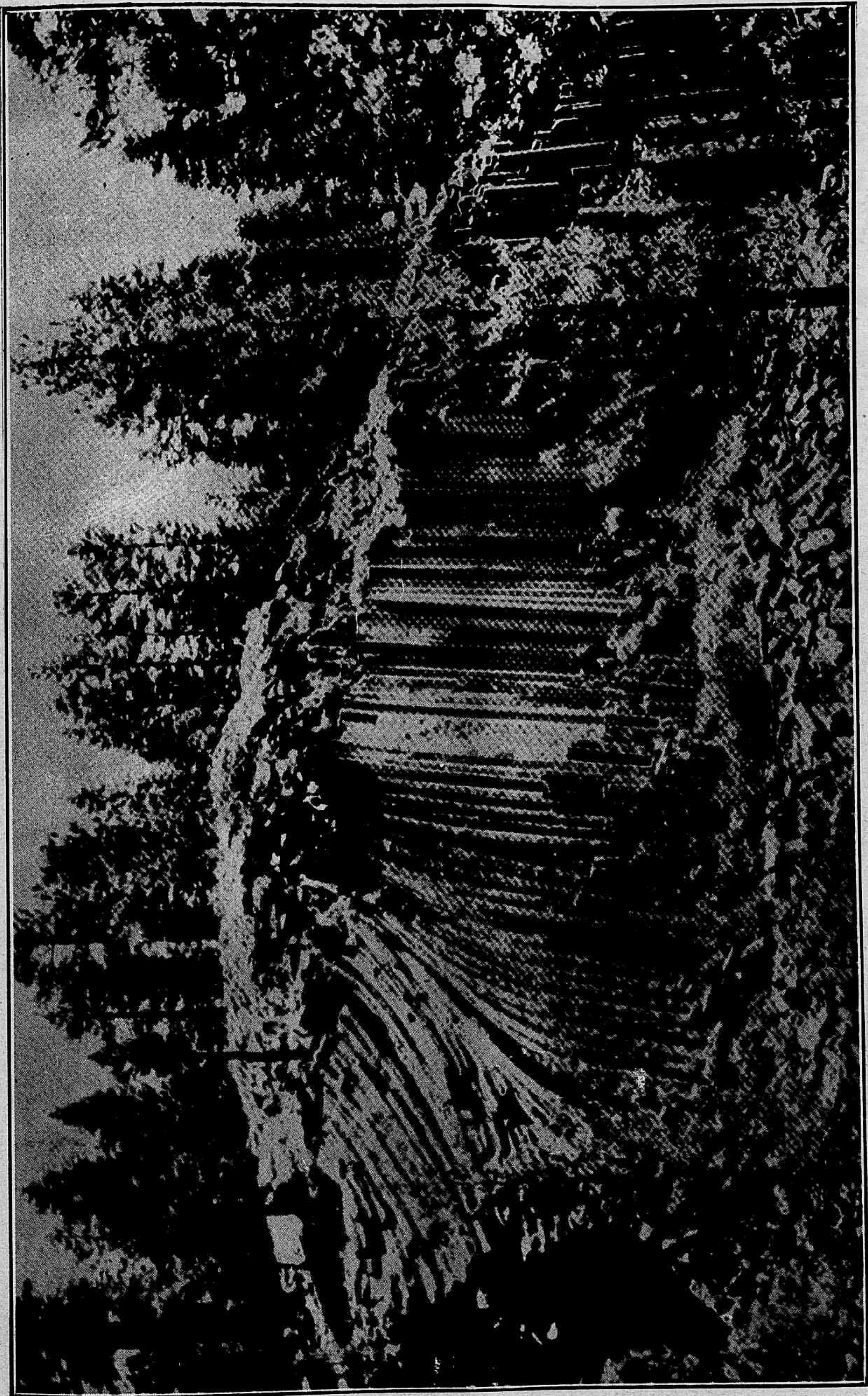
Em nossa casa havia uma laranjeira, com cerca de seiscentos anos; já não tinha espinhos, com a idade caíram, como nos sucede com os dentes.

Pois bem, essa laranjeira dava abacates, abo-

boras, abacaxis, e outras muitas fructas. Num anno deu, ao mesmo tempo, melancias e pés de moleque; não, pés de moleque, não; mas deu amendoins e canna de assucar... logo, deu pés de moleque...

Um cidadão de California diz que em uma ocasião, enquanto estava nas montanhas, viu um urso pardo no acto de levar aos seus ursinhos uma vacca morta, e afirma que a fêra conduzia a vacca em suas garras anteriores até uma distancia de 3 milhas através de rochedos de varios pés de altura, sobre troncos derrubados ao redor das montanhas escarpadas onde nem os burros podiam se fimar, até uma angusta vereda em cima da montanha precipitosa. O espectador acompanhou a fêra, e a uma distancia de meia milha, aproximadamente, de sua cova a matou de um tiro. Diz o transeunte que a vacca pesava pelo menos 200 libras, enquanto que o urso pesava umas 450 libras.

MONUMENTO DE POSTES DE PEDRA, CHAMADO "O MONTE DO DIABO," NO PARQUE NACIONAL DA SIERRA, NOS ESTADOS DE CALIFORNIA, ESTADOS UNIDOS DO NORTE



Este é um exemplo notavel de columnas de basalto, hexagonaes em geral, em secções transversaes; tambem existem pentagonaes e outras formas. A media do seu diametro é de 2 pés. Estas columnas ou postes jazem em monte em todos os angulos.

Parece mentira, mas o Chico sabe disso; Chico é o meu pagem.

— Não é verdade, Chico ?

— E', sim, senhor.

MAJOR QUARESMA.

A *toilette* é a cozinha da belleza. A mulher leva a imaginar todos os dias regalos novos para os encantos, que ella tem de servir á admiração esfomeada dos olhares.

Os tigres amestrados

Os animaes amestrados de dia para dia são mais prodigiosos, tanto que, por vezes, diante dos trabalhos que os levam a executar, ha quem faça apostas valiosas. Conta-se mesmo que certo inglez percorria o mundo atraz d'um domador de feras, depois de ter apostado com um compatriota que um dia o homem, ao meter a cabeça na boca do seu leão velho, seria devorado por ele. Andou assim anos e anos, percorreu parte da Europa, sempre d'olhos fitos no chicote do domador, como a magnetisal-o.

O artista já sofria tambem ante aquele olhar do espectador quotidiano.

N'uma das noites de espetáculo resoou um grito enorme por todo o circo e uma risada do inglez.

O leão decepara a cabeça do domador. Ganhara a aposta o fleugmatico britanico.

Entre o melhor que se possa imaginar no



genero de trabalhos de animaes amestrados excede tudo os tigres que se apresentam atualmente em Lisboa, causando um enorme sucesso e sendo arriscadissimos o trabalhos do domador.



1—O domador Henriksen. 2—Um dos belos exemplares na prancha. 3—Um formoso tigre amestrado. 4—Um dos mais interessantes exercicios dos animaes.



O GRANDE AMOR

NÃO profaneis o amor, almas rasteiras,
ligando-o á forma, ao gesto, ao mimo, á graça,
á frescura da carne, ai! flor que passa,
que murcha entre illusões, as mais fagueiras.

Tem azas, quer voar, transpôr barreiras,
o amor que é chamma. Assim, da velha raça,
amou Petrarca e Dante: uma hora escassa
de amor incendiou vidas inteiras!

Laura e Beatriz, izentas da materia,
foram amadas sob a forma etherea,
que deu ás suas virgens Ossian.

Artistas do Ideal, num paio forte,
crystalizae o amor, vencei a morte:
almas, amae a alma, vossa irmã.

J. M. Gomes Ribeiro.

AS CALÇAS DE CASEMIRO (Adaptação)

Eis que a época da caça aproxima-se; é dizer-vos, leitores meus irmãos, que será preciso vos resignardes a ouvir algumas dessas engraçadas histórias que, sómente, os discípulos de Santo Hubert têm o privilegio de narrar.

Quanta imaginação, têm esses caçadores! E lhes succedem tantas aventuras!...

E' verdade que, as mais das vezes, não causam damno a ninguém, primeiro, porque os ouvintes começam, em tal caso, a não saber o que pensar a respeito, e que o narrador sente tanto prazer com o seu conto, que seria cruel contestar-lhe a autenticidade. Mas ainda é com a condição que a historia não se desvie para o escandalo, como aconteceu certo dia em que o Marquez de Blagapart convidára uma sociedade escolhida para um almoço de caça, e que mais entusiasmado que nunca, chegára a transpôr os limites da verosimilhança.

Era, no emtanto, um excellentes homem, este Marquez; e quando elle vos atirava á face uma peta sobre caçadas, era tal a sua astucia, que provocando a admiração da galeria, consolidava ainda mais, sua reputação de narrador.

Apezar de tudo, era preciso que sua exageração fosse extrema, porque apesar de tantas proezas, o velho castellão teve necessidade de sustentar a sinceridade de suas historias sobre o testemunho de uma pessoa dedicada, especialmente afeiçãoada ao seu serviço e que ninguém mais era senão seu proprio guarda, o famoso Casimiro.

Ora, Casimiro, que era apaixonado pela caça e que era visivelmente feliz por ter como patrão um tão bom atirador, lisonjeava, aliás sua mania, salvo, entretanto, o caso em que a anedota resvalasse desde logo para o dominio do exagero. O Marquez, então, por mais que se voltasse para seu guarda e ex-

clamasse, tomando-o por testemunha: "Não é verdade, Casimiro, que te recordas desta?" Casimiro tinha um modo de não ouvir, ou de emittir um pequeno garganteado, que destruía todo o effeito do narrador e, além de tudo, provocava a hilaridade dos auditores.

Eis porque — ao approximar-se, e talvez mesmo uma semana antes da abertura da caça, como o Marquez sentisse chegar o momento em que poderia lançar mão largamente do seu repertorio, e que, por outro lado, Casimiro cubicasse, desde muito tempo, certa calça de pelle de toupeira que seu amo, — parecia-lhe — sufficientemente usara — o Sr. de Bragapart fez com elle um trato:

— Pois seja, disse-lhe, meu bravo Casimiro, está entendido. Dar-te-ei minha velha calça.

— Aquella de pelle de toupeira!

— Sim, meu amigo.

— E poderei trajal-a para servir estes senhores e senhoras á mesa, no lugar assignalado para a caçada?

— Perfeitamente.

— Ah! o senhor Marquez é muito bom; e não sei dizer quanto lhe agradeço...

— Mas com uma condição...

— Com todas as condições que o Sr. Marquez quizer.

— Oh! mostrar-me-ei bom, pedir-te-ei sómente que, quando

eu contar uma historia, e dirigir-me a ti, perguntando: "Não é verdade, Casimiro?" responder-me-ás sempre: "E' verdade, senhor Marquez..." Está dito?

— Está dito...

E, para ter certeza de receber as calças, Casimiro, como ultimo elogio ao seu amo, accrescentou:

"Além disso, sei perfeitamente que o Sr. Marquez nunca mente, e que só conta historias que aconteceram..."

— Sim, senhor!

A "REVISTA DA SEMANA" ENTRE AS CRIANÇAS



Os interessantes filhos do Sr. Edwin Hime

Tambem, immediatamente, ordenou que fossem buscar as calças e entregou-a ao seu guarda, que no mesmo instante vestiu-as, e, orgulhoso como Artaban, veio mostrar como estava bem com as suas sumptuosas calças usadas.

Neste interim, a caça começou.

Nos primeiros dias, e para encorajar-se, sem duvida, o Marquez de Blagapart contou aqui, alli, diante dos seus convidados, algumas historiazinhas em que a imaginação usurpava alguma cousa á verdade. Até então, porém, não excedia a prudencia, reservando-se para o dia em que, como todos os annos, na mesma época, tinha por habito reunir alguns proprietarios e seus visinhos, seus amigos — e suas senhoras — para um grande almoço de caça. Então tornava-se atordoador.

No calor da conversa, elle não esgotava mais. Collocava-se, como heróe de lances maravilhosos incriveis, como quando contava que com a mesma espingarda fizera seis *duplicatas* no mesmo bando de perdizes e que as destruiu até á ultima, antes mesmo que seu visinho tivesse apenas o tempo de atirar um cartucho...

— Não é verdade, Casimiro?

E Casimiro, que desejava conservar as calças, livrava-se bem de contradizel-o. Entretanto, custava ao guarda certificar a veracidade de taes proezas, ás quaes nunca assistira, está entendido, e que elle mesmo tomava como horriveis mentiras. As convenções, porém, eram convenções. Casimiro devia sempre dizer, a tudo, *amen*; e mantinha a palavra.

Ora, chegado o dia do grande almoço, o Marquez de Blagapart recuperou sua veia. Havia ahi, aliás, amigos que pareciam beber suas palavras, jovens senhoras que se atiravam sobre o espaldar de suas cadeiras, rindo altamente com a narração de suas historias; e o dono da casa, sentia-se tão satisfeito, que augmentava á medida o diapasão de suas inverosimilhanças.

Cada vez, aliás, voltava-se para o guarda que, sempre indrstriado e fiel á sua promessa, respondia: “Perfeitamente, senhor Marquez”, apezar de pensar consigo: “Que mentiroso! ora vejam que mentiroso!”

E eis que, estimulado por tantos successos, um pouco antes de chegar á sobremesa, lançou mãos da peça escolhida do seu repertorio, que sem duvida, reservava para o fim.

Levado por sua imaginação, contou que um dia, costeando um rio, tendo levantado um bando de patos que voavam ao mesmo tempo e que desfilavam um atraz do outro, como na fileira indiana, apezar de só ter uma bala em sua espingarda, visou um pato, o ultimo, mas, tão destramente, atirando tão bem na direcção dos outros, que apenas disparado o tiro...

... Um movimento de Casimiro, impediu-o de concluir.

Confuso, o narrador voltou-se para o seu guarda para saber o que lhe acontecia. Todos os convivas fizeram o mesmo; e deixou-vos pensar qual foi a estupefacção geral, verificando que ahi, diante de todos, desprezando as mais elementares conveniências, depois de ter collocado o prato que devia servir num aparador, o criado estava a despir-se. As senhoras, especialmente, ficaram suffocadas.

— Ora esta, Casimiro! exclamou seu amo, o que estás fazendo?

— Ah! senhor Marquez! respondeu o guarda em um accesso de indignação, isto é demais... Eu nunca poderei dizer *sim*... Prefiro restituir-lhe as calças!...

MIRLITON.



“O SEGREDO DE POLICHINELLO”

Foi ha pouco representada, no theatro da Port-Saint-Martin, a peça de Pierre Wolff *O Segredo de Polichinello*, que fez a fortuna do *Gymnase*, em 1903, e deu occasião a que Huguenet se revelasse em um dos mais bellos papeis de sua carreira.



Os espectadores experimentaram vivo prazer com a audição dos tres actos da deliciosa comedia. Tal qual quando da creação, houve risos, prantos e enternecimentos. Por isso os applausos foram calorosos. O bello lance de theatro do segundo acto em que o bom avô Jouvenel, com as costas voltadas para a scena, surge de uma grande poltrona; a scena dos tres, em que os dous velhos affirmam um ao outro que se encontraram no perdão trans-

portaram de enthusiasmo o auditorio.

O actor Huguenet encontrou no papel de Jouvenel os admiraveis accents de emoção e tantas approvações lisonjeiras por occasião da creação; elle foi aclamado e bisado varias vezes. A actriz Simon-Girard retomou o papel de sua collega Santenay, creado por Mlle. Rolly; foi ella nesse papel de uma delicadeza e de uma sinceridade notaveis. Mlle. Juliette Margel emprestou a força de seu talento ao papel de Maria, em que foi vivamente applaudida; os demais artistas participaram do mesmo successo.

O poeta é como o aroma: o aroma inebriante
Enche o mar, enche a terra, enche o céu, enche tudo
E cáe, Santo Deus! no leito de velludo
Nos rubros corações das pequenas flôres.

G. JUNQUEIRO.

— Quem é capaz de citar cinco dias da semana, sem dizer — segunda-feira, nem terça, nem quarta, nem quinta, nem sexta, nem sabbado, nem domingo? Ninguém responde.

— Pois é facilimo: ante-hontem, hontem, hoje, amanhã e depois d'amanhã.

OS CONTOS DA "REVISTA"

HERVAGAUT OU LUIZ XVII

(Continuação)

Foi assim, nesta qualidade que o reconheceram, antes mesmo de sua declaração, todos aquelles que o viram; é o mesmo que figura no aviso publicado pelas gazetas, aviso que devia despertar a solicitude do alfaiate de Saint-Lô.

Entretanto, o pensionista do carcereiro Vallet acceita s.m. espanto nem revolta este nome de Hervagault, que seus fieis sahem não ser o verdadeiro nome d'elle.

O rapaz não mudou de habitos e recebeu a nova posição que o novo nome lhe dava, como se isto fosse um leve incidente de sua vida movimentada.

Quando chegou, porém, o dia da *Toussaint*, recommendou elle a seus amigos que *orassem em favor de seu pae que tinha sido guillotinado durante a Revolução*.

Seus partidarios, um momento desorientados, acabaram por comprehender que o Principe adoptava um pseudonymo, ou melhor, accitava-o.

Tantas torturas e ameaças vinha elle padecendo, que já não ousava reivindicar o seu augusto nome. Hervagault é a egide que o porá a salvo da perversidade dos homens, era o nome que lhe offerecia alguma mysteriosa intriga.

Se elle o repellisse, deveria, então, affirmar quem era de facto; e então seriam novamente, a prisão de Estado, os carceres, a incommunicabilidade, o envenenamento talvez; peor ainda, algum novo Simon!

Um de seus mais exaltados partidarios, Monsenhor Lafond de Savines, antigo Bispo de Viviers, escrevia mais tarde, falando do seu caro Principe:

"E' preciso que elle seja Hervagault, porque, de outro modo, matal-o-iam."

COM A ETIQUETA NÃO SE BRINCA

A situação, na verdade, deu lugar a alguns incidentes assaz

comicos: Uma dama, não estando bem ao corrente da aventura, ficou admirada de ver uma tarde á mesa, com as honrarias de um soberano, o adolescente que lhe haviam apresentado como filho de burguez de passagem por Vitry. Mas, na intimidade, as cousas se passavam com mais pompa: a senhora de Rambécourt testemunhava a seu hospede todas as homenagens devidas ao seu alto nascimento; o senhor de Rambécourt servia de valete ao Principe.

Acompanhava-o por toda parte e velava pelos seus dias preciosos com uma solicitude cheia de veneração.

O senhor Gustave Laurent, que escreveu uma pittoresca narrativa da estadia de Hervagault em Champagne, conta que, nas ruas da cidade, quando o rapaz fazia o seu passeio, escoltado por seu mordomo, a sua figura infantil, as deferencias que recebia de seu companheiro, fizeram-no passar a principio por uma donzella disfarçada, e a reputação do senhor de Rambécourt soffreu commentarios. Mas que lhe importava. Era preciso antes de tudo, despistar as desconfianças.

No dia 6 de Fructidor, anno IX, que corresponde a 24 de Agosto de 1801, vespera de São Luiz, houve uma lauta mesa, segundo a etiqueta de Versalhes, em casa da Sra. Jacobé de Pringy; tinha sido organizada uma brilhante festa ao fim da qual foi offerecido a Jean-Marie Hervagault um soberbo ramalhete, entre aclamações de toda a assistencia.

Houve beija-mão, apresentação... Se o personagem que foi objecto desta manifestação era realmente o filho do alfaiate de Saint-Lô, elle devia ter piedade, nessa tarde, desses pobres tolos que se premiam em torno d'elle.

Demais, parecia que elle achava taes cuidados muito naturaes e não perdoava uma falta qualquer de etiqueta: um dia que, seguido de seus fieis, elle fizera ao cura de Sompuis, o insigne fa-

vor de honrar o presbyterio, com sua presença, o bom ecclesiastico serviu uma refeição que julgava digna de seu illustre convidado.

Durante o jantar o Padre seguia inquieto todos os gestos do seu commensal, lembrando-se da reputação do bello appetite dos Bourbons, e vendo que aquelle descendente tocava apenas os pratos appetitosos que apresentavam:

"Senhor, aventurou elle, não comeis quasi; ouvi, entretanto, dizer que vossos paes eram intrepidos á mesa..."

Hervagault, julgando-se ultrajado, levantou-se bruscamente e atirou ao cura esta replica desdenhosa.

"Cabe-vos, por ventura, a um homem como vós, duvidar de minha qualidade?"

O amphitryo, terrificado, calou-se, temendo uma desgraça mais completa.

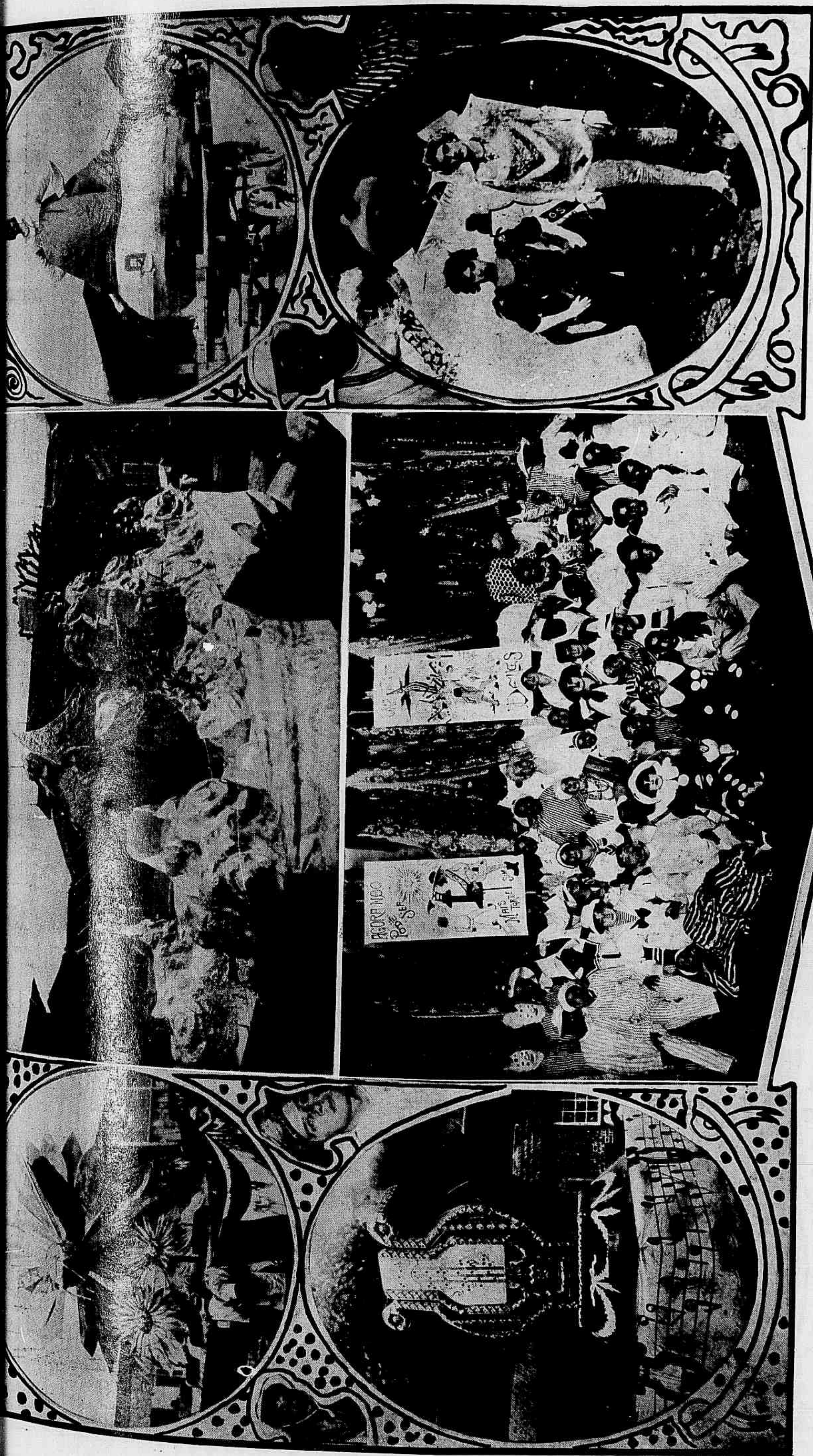
NOVA PRISÃO

Havia, entretanto, em Vitry um homem a quem a presença do Principe não enthusiasmava: era o commissario do Governo, o antigo convencional Battelier.

Syndicou elle, e soube que em um primeiro julgamento ficára provado haver Hervagault commettido roubo: preveniu ao Ministro da Policia, Fouché, da audaciosa insistencia do impostor. Veiu immediatamente ordem de Paris para se prender o recalcitrante e inculpar com elle Mme. Saigues, e os Srs. Rambécourt e Jacquier que, em sua bella casa da rua Pavée, havia igualmente dado asylo a Hervagault.

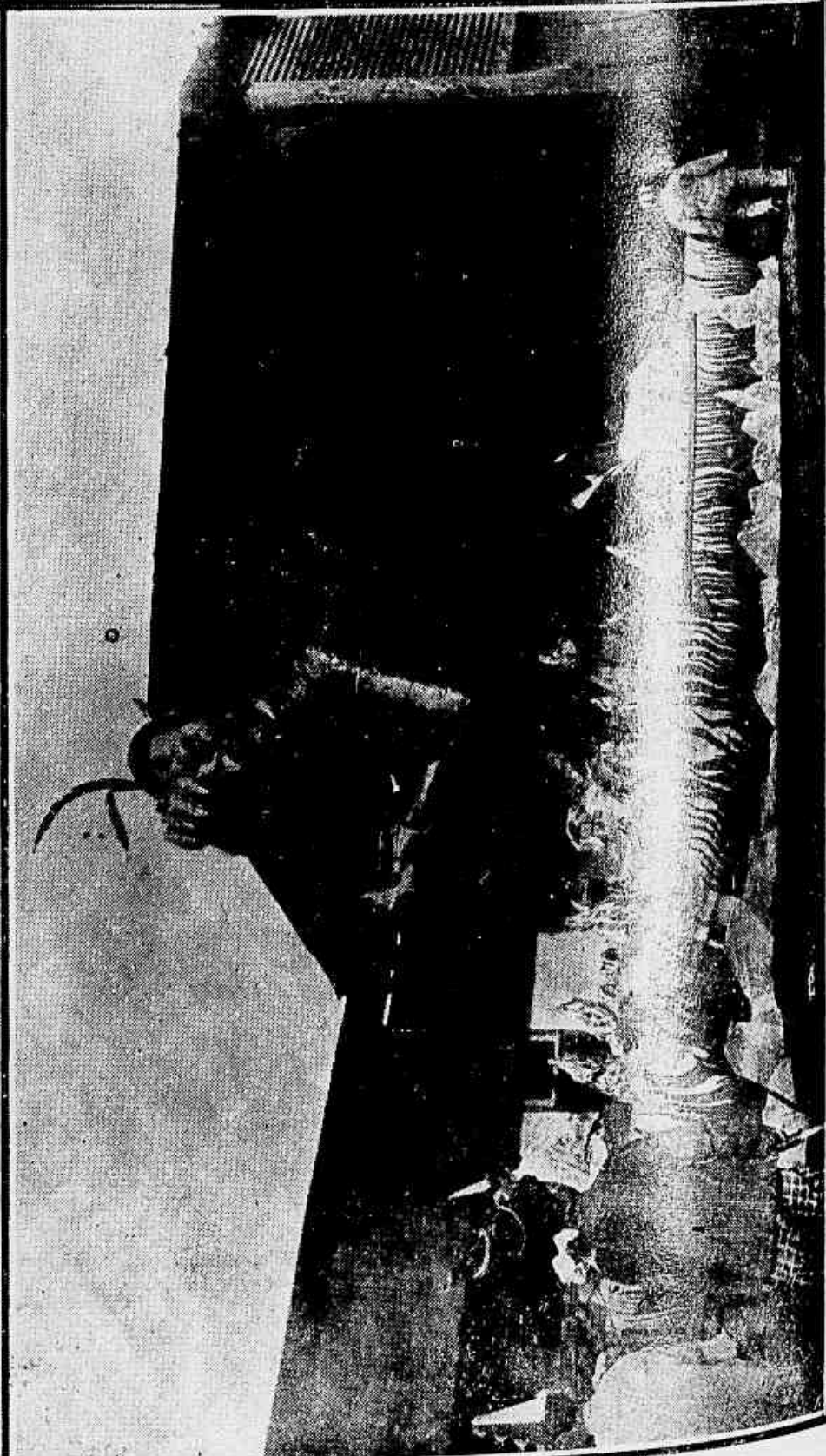
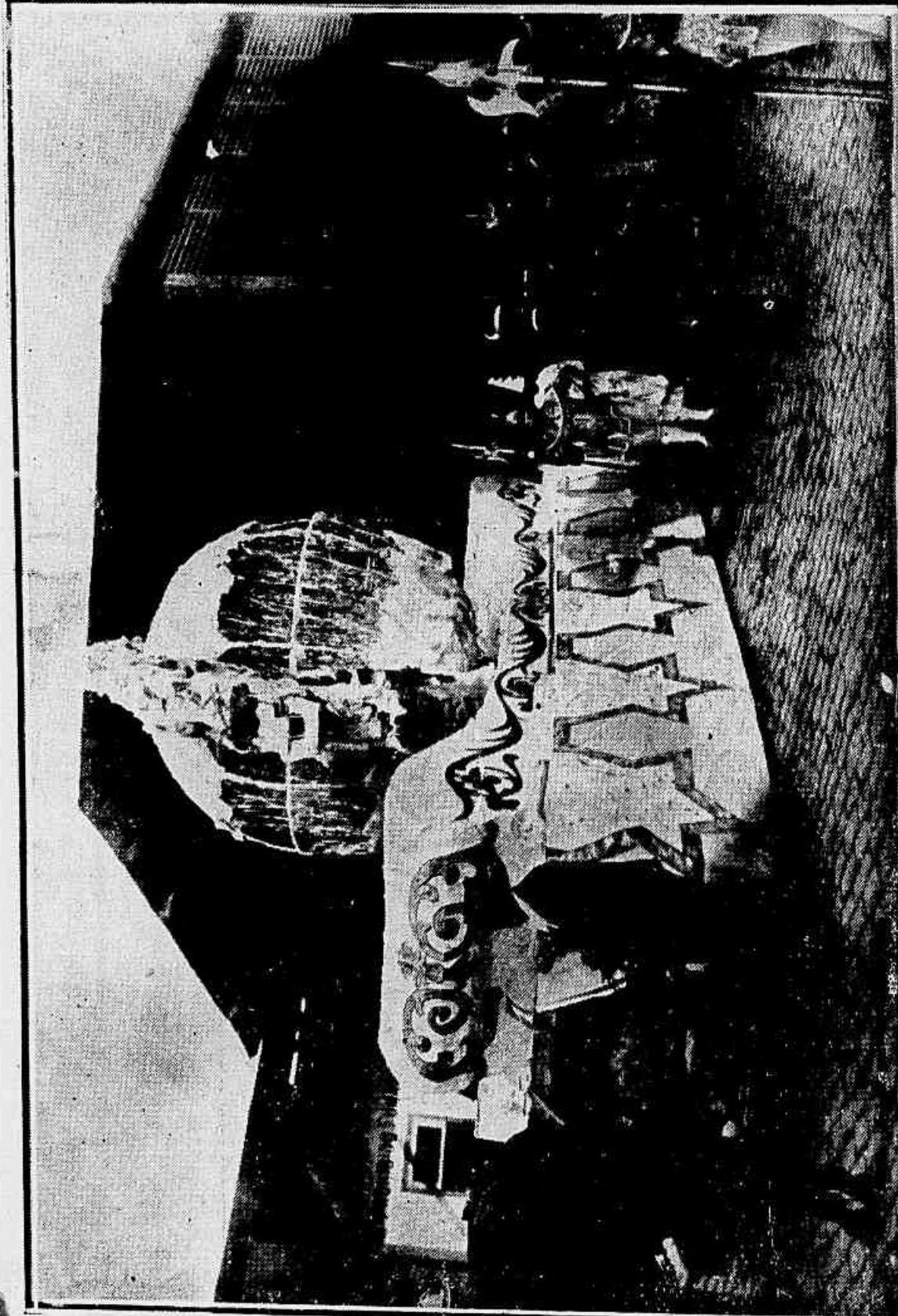
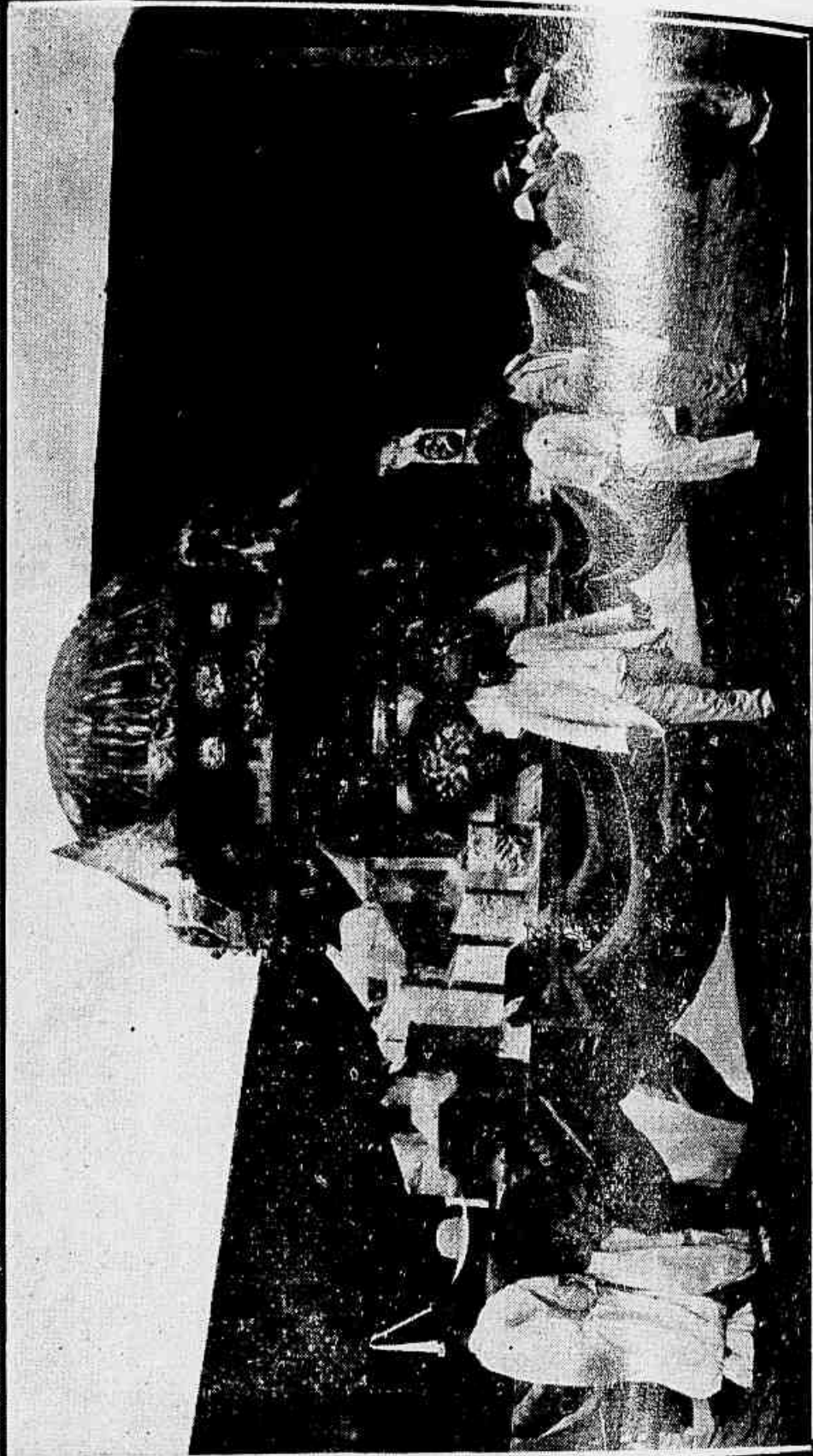
Quando o commissario se apresentou para conduzir o pretendente, este não perdeu o sangue frio habitual. Em presença de todos os curiosos que o facto tinha attrahido, ordenou elle ao Sr. de Rambécourt "que lhe fosse procurar o vestuario em seu quarto".

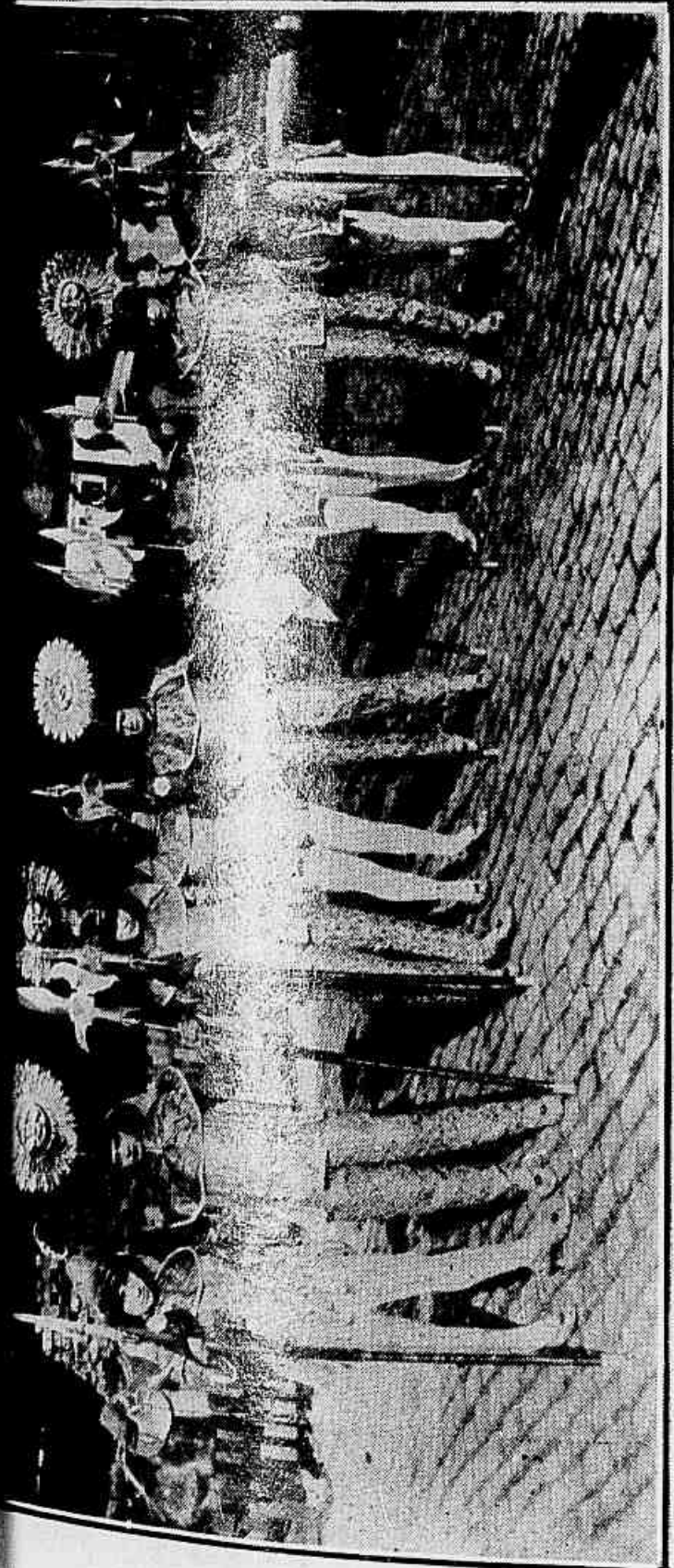
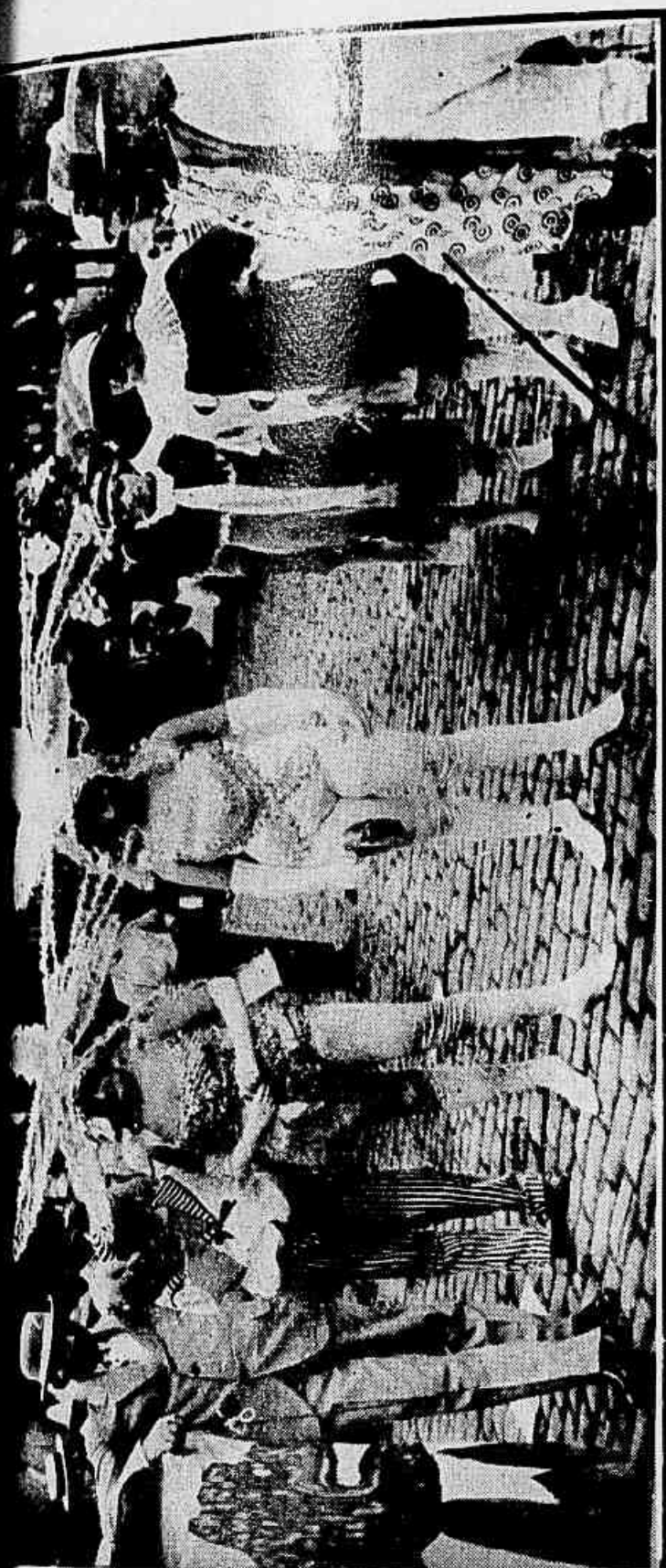
(Continúa).



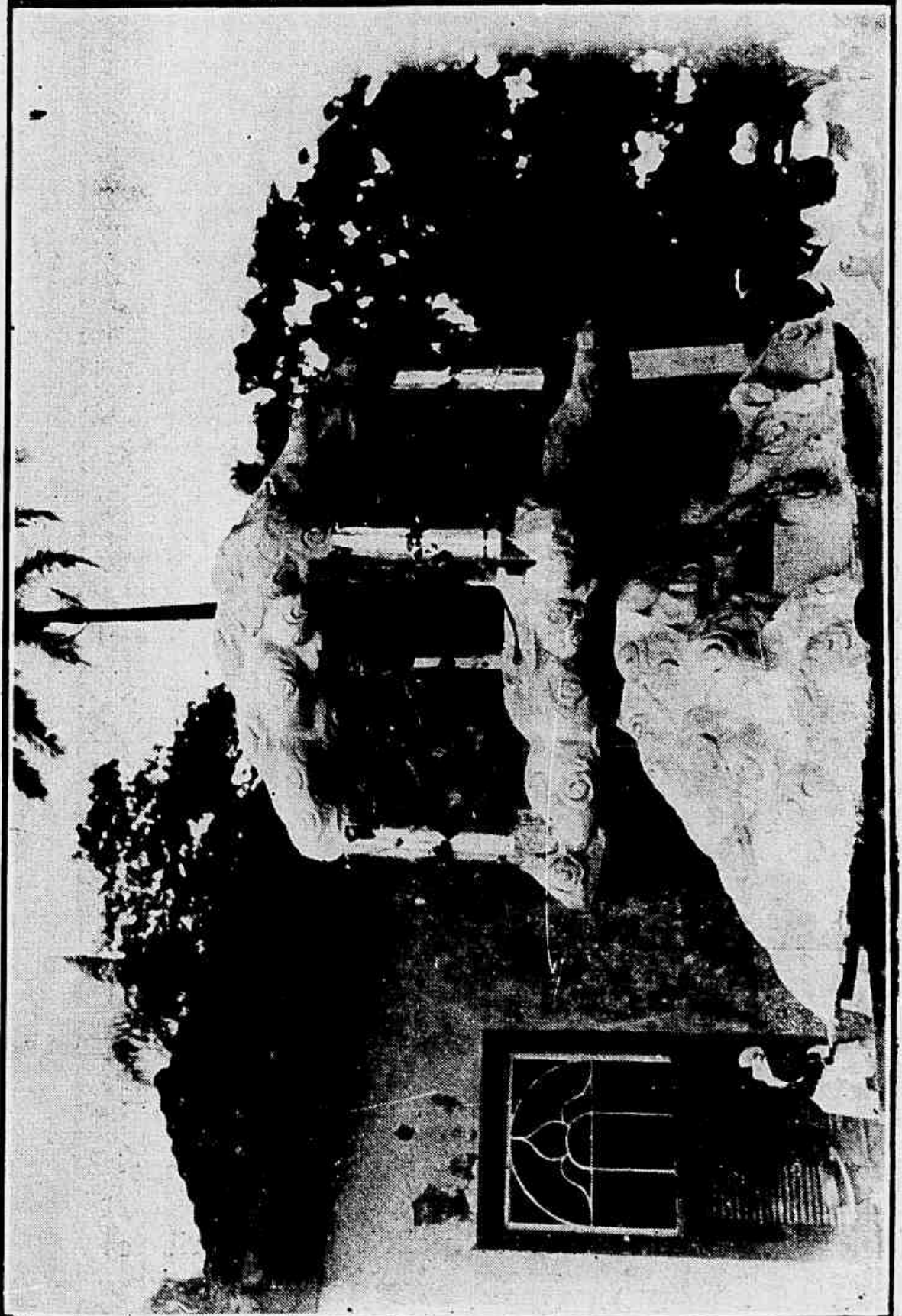
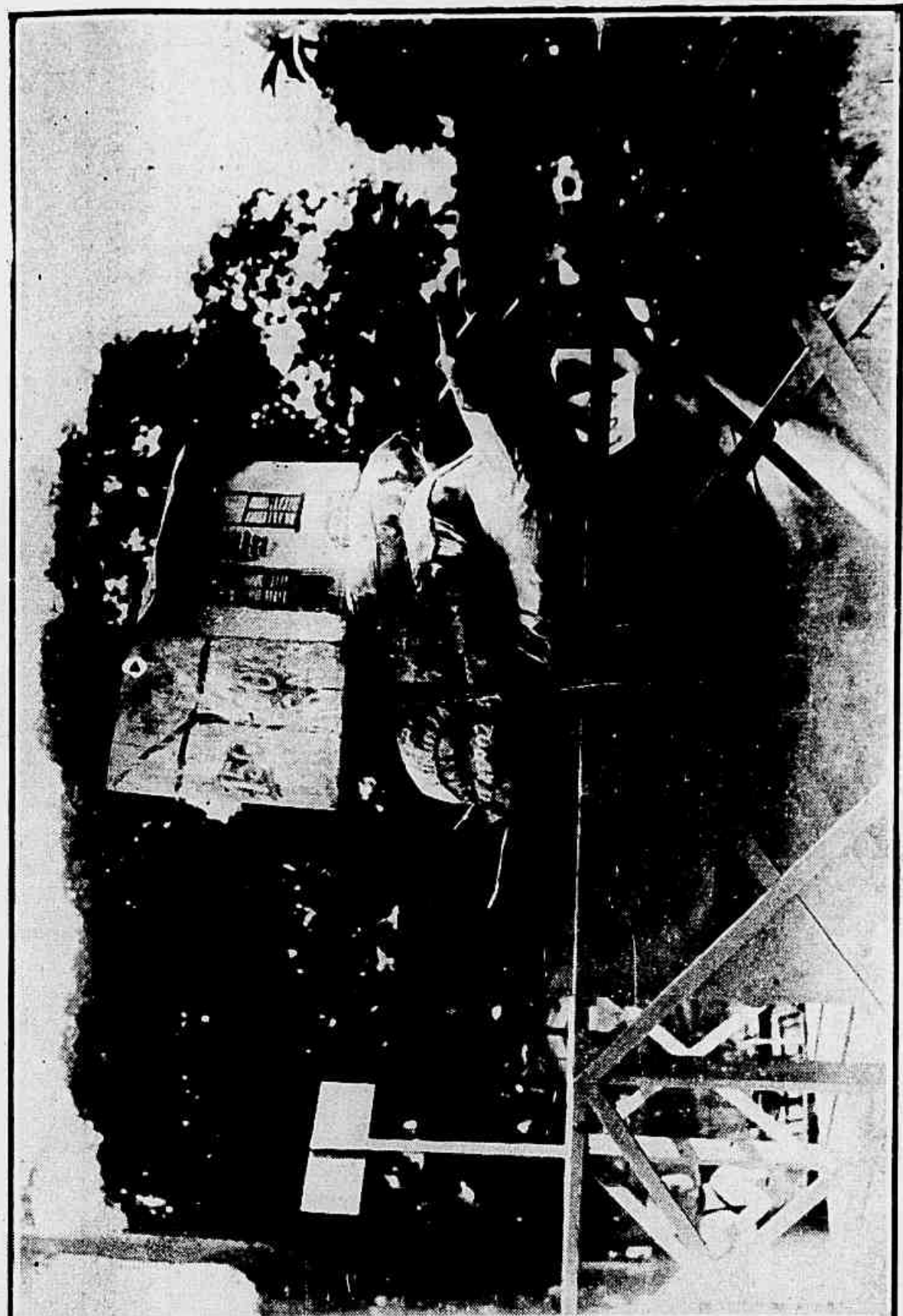
CARNAVAL DE 1913 — Prestito do Club dos Fenianos

REVISTA DA SEMANA





Club dos Fenianos



Fidalgos do Meyer

PRESTITO

DO

CLUB

DOS

DEMOCRATICOS

RECEBEMOS :

O Echo — Jornal litterario e noticioso, que se edita no Recife.

A Medicina Moderna — Revista de sciencias medicas, do Porto.

L'Étoile du Sud — Jornal politico, litterario e financeiro.

La Discussion — Diario cubano.

A Cidade — Jornal dedicado a assumptos municipaes, que se publica nesta Capital.

The South American Journal — De Londres.

Correio da Noite — Diario nocturno desta Capital.

Não ha vida feliz; o que ha, quando muito, são dias felizes.

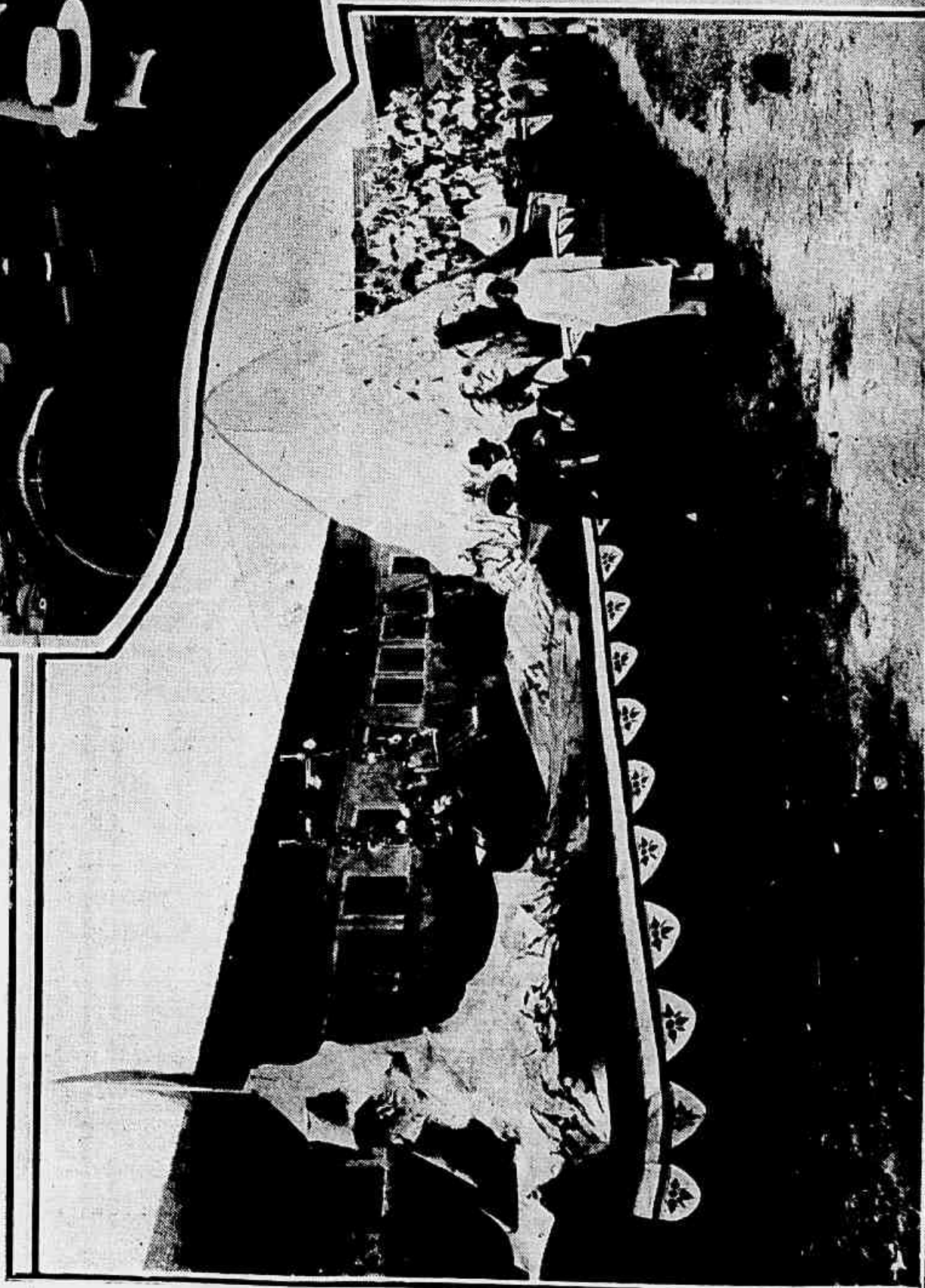
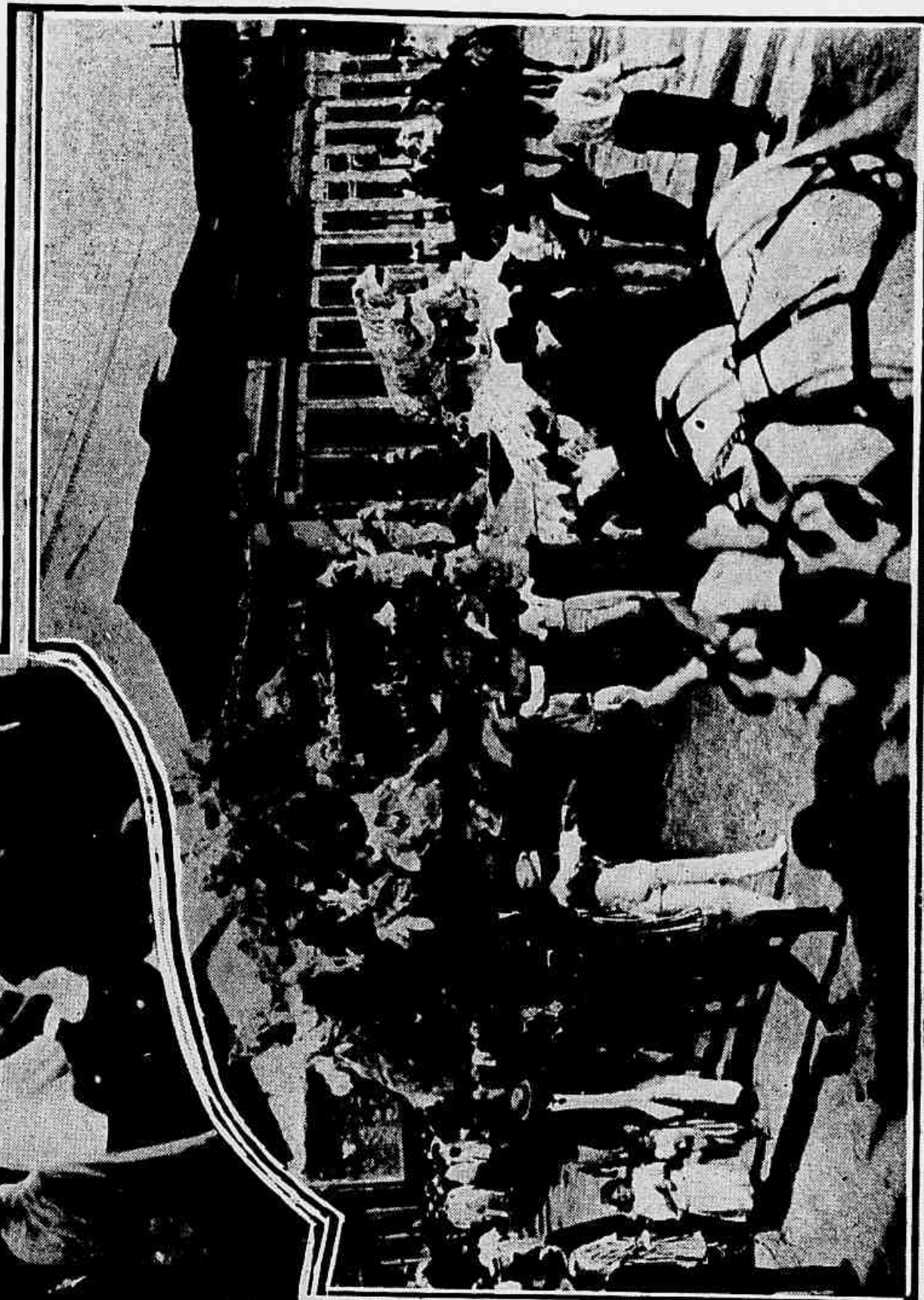
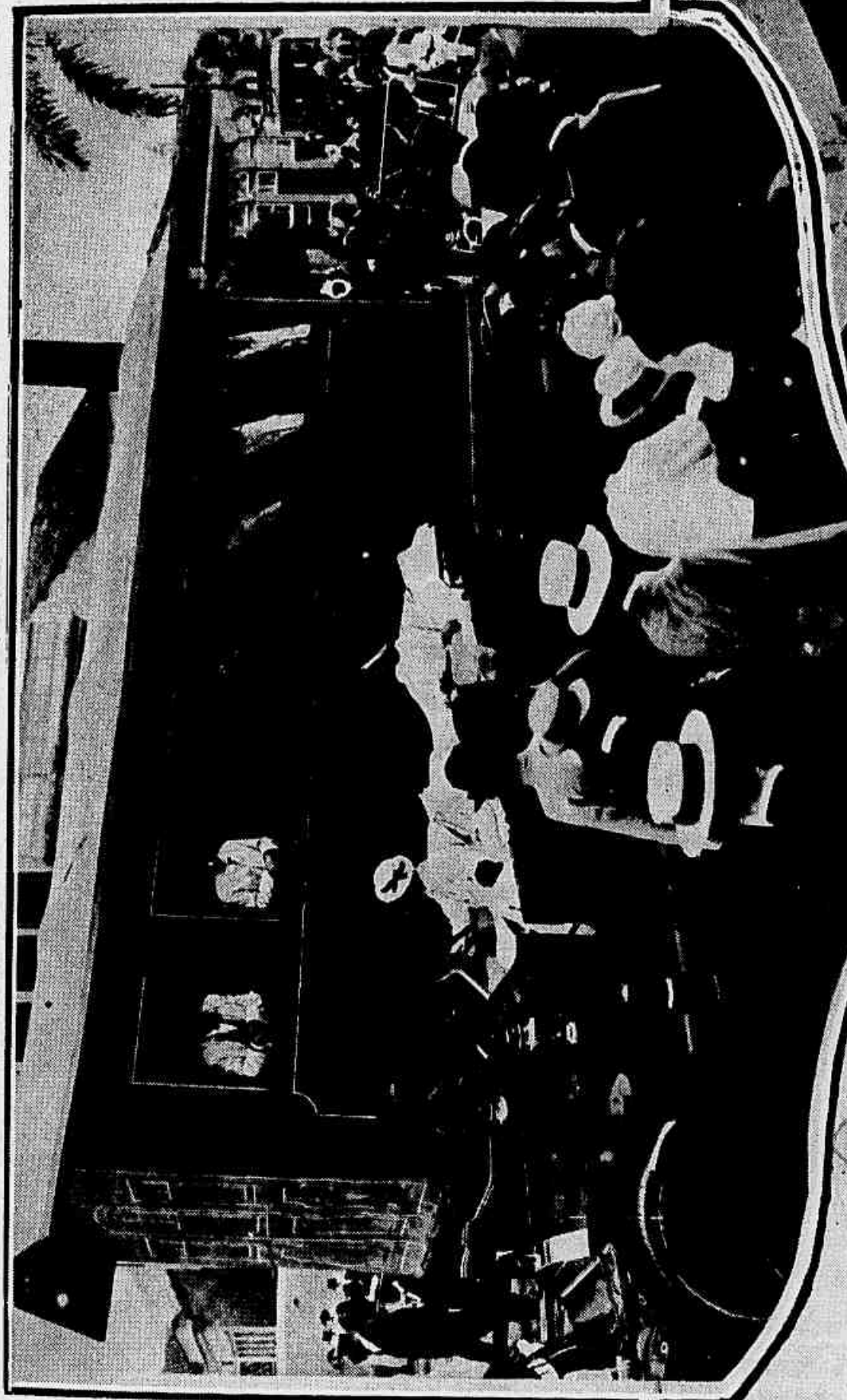
A PROPOSITO DE HONO,

O PIRATA

— Eis alli, disse-me Raphael King, operador de uma grande fabrica de *films*, então de viagem pelas ilhas do archipelago Oues-sant, eis alli o rochedo de Men-ar-Froud.

E seu dedo indicava, o oeste de Enés-Nein, a ilha dos Cordeiros, um rochedo branco, rasgando com suas pontas as pesadas aguas do Fromveur.

—A companhia cinematographica, a cujo serviço estou, encarre-



gou-me de tirar *films*, reproduzindo velhas lendas bretãs.

Nesse sentido tenho lido muito ultimamente; mas para que revolver a poeira do passado, deixando que o presente passe despercebido ?

Uma noite, havia eu entrado depois da meia-noite em casa de Ianne a "má", mulher de Stiff. Ahi estavam algumas italianas com homens a beber. Sympathizamos nus com os outros e entramos a beber. Depois quando o al-

Club dos Democraticos

Club Tenentes do Diabo



cool sibiú ás cabeças, Ianne nos expulsou e fechou a sua porta. E quando nos vimos fóra fomos impellidos por uma cava que des-cia até Rulan. Cada um levava a sua garrafa,; só faltava um abri-go contra o vento, onde pudessemos beber á vontade.

Joanna lembrou-se então da casa Hono, velho casebre, bom para todos os crimes, a uma mi-lha de S. Miguel e da estrada.

Accommodámo-nos todos, ac-

cesas as velas e quebrados os gargalos das garrafas.

Alli estavam Durduff, escuro como um flibusteiro, um mari-queiro que Rosa tinha conhecido no hospital de Brest e que se achava na ilha, sendo ignorado o motivo por que alli aportára, bem o seu paiz natal. Elle tinha sentado Barba sobre os seus joe-lhos, enquanto um trombetea do exercito colonial e Le Martelot se abraçavam a Joanna e a Rosa.

Mais sensiveis ao decoro que os seus companheiros, evocaram as raparigas a lembrança do defun-to Hono e os boatos que corriam sobre a casa.

E Barba falou, narrando a aventura da dama de Men-ar-Froud.

—“Nunca pescador algum des-embarcou em Men-ar-Froud para lançar a sua linha, porque sempre se affirmou que quem toca Men-ar-Froud ou não volta mais

de Madureira

Democraticos



ou fica desgraçado. E alguns pretendem que, olhando-se o rochedo de um certo modo e a certas horas, podia ver-se ali uma mulher que hoje não se mostra mais.

— Kerbezéa a viu, interrompeu Joanna.

— Kerbezéa morreu.

— E Lan Jourdren e Le Gallouet...

— João Antonio Mit, insinuou Rosa.

— Também esses morreram.

— Ora, ha tres annos, continuou Barba, Hono o Pirata e Pedro Coadou, de Pennorz, passaram, pelas 6 horas da tarde, diante de Men-ar-Froud, cada um commandando sua barca distante umas cem braças um do outro, Olharam Men-ar-Froud e ambos viram a dama que fazia signaes.

— Viste ? gritou Hono.

— Certamente, fez enfim Coadou. Ella tem os seios feridos, mas é bem viva e seus olhos choram.

E Barba contou como Hono, que jámais conhecera o medo, fôra ao rochedo e dalli recolhera a dama, a despeito dos esforços que fez Coadou para retel-o. Trouxe-a elle para a casa de sua mãe que era aquella mesma, onde agora se achavam.

Apontando para um leito ao fundo do aposento, mostrou Barba que alli deitára Hono a mulher que salvára em Men-ar-Froud.

E todas ellas sabiam que, na vespera, Hono começára a dar grandes brados vendo seu filho conversar com a pretendida morta.

Estando Hono ausente, ella Barba ousou encostar a mão, pela janella, naquelle corpo de mulher e sentiu que tocava um corpo frio e uma mão toda de ouro.

O cura, avisado na vespera, veio com quatro homens, mas o cadaver tinha a firmeza e o peso de granito e não lhes foi possivel carregal-o.

Voltaram trazendo um palanque; mas logo que se approximaram, uma delicada e fina mão abriu lesta cortina e todos fugiram tremendo.

Hono entrava em casa com a cabeça em fogo e os braços enchagas e, fechando as portas, celebrava seus amores com a dama, cantando e rindo até ao amanhecer.

De tanto abraçal-a e beijal-a ti-

nha elle gasto seus labios e sua bocca não era mais do que um buraco negro de sangue.

E Barba referiu como a velha mãe de Hono fôra expulsa por vontade da intrusa e o fim tragico de Hono que todas as tardes trazia para sua casa rochedos com fôrmas humanas, collocando-os como guardas phantasticos no logar onde ainda agora são vistos...

Um dia transpondo a soleira da casa de Rulan, não obstante sua força herculea, cahiu elle com os rins esmagados sob o peso de uma dessas gigantescas massas.

Varias pessoas tentaram depois habitar a casa; mas nenhuma o conseguiu, porque ella estava mal assombrada. Pretende-se que a dama de Men-ar-Froud está sempre lá e que para fazel-a apparecer basta pronunciar uma palavra bem atroz depois da meia-noite.

E' neste canto que ella apparece, accrescentou Barba, dando um passo para a frente.

Um tremor agitou as ilhóas que suppunham estar Barba sufficientemente embriagada para pronunciar a palavra.

E todos nós instinctivamente

nos voltámos para o logar indicado.

Produziu-se então um facto inaudito.

A luz vacillou e Rosa soltou um grito terrificante.

Tinhamos percebido um cicio e um ruido extranhos.

Todos se endireitaram á espera de um acontecimento sobrenatural.

Ouviu-se novamente o ruido.

Barba, entretanto, dirigiu-se para o fundo do aposento como que inconsciente e já com a bocca entre-aberta.

— Barba !... Cala-te !... gritou Joanna Poulbrae.

E pela janella aberta ella saltou em plena escuridão. Rosa Iliou seguiu-a immediatamente. Os homens não tinham dado um pio.

Passada a sua perturbação, olharam-se e perceberam Barba sempre lá.

Então, Durduff, desconcertado e furioso por ver fugirem-lhe as mulheres, voltou a si subitamente e, levantando o punho para a ilhóa:

— Ah !... eu a ensinarei, esta atrevida !

E avançou um passo.

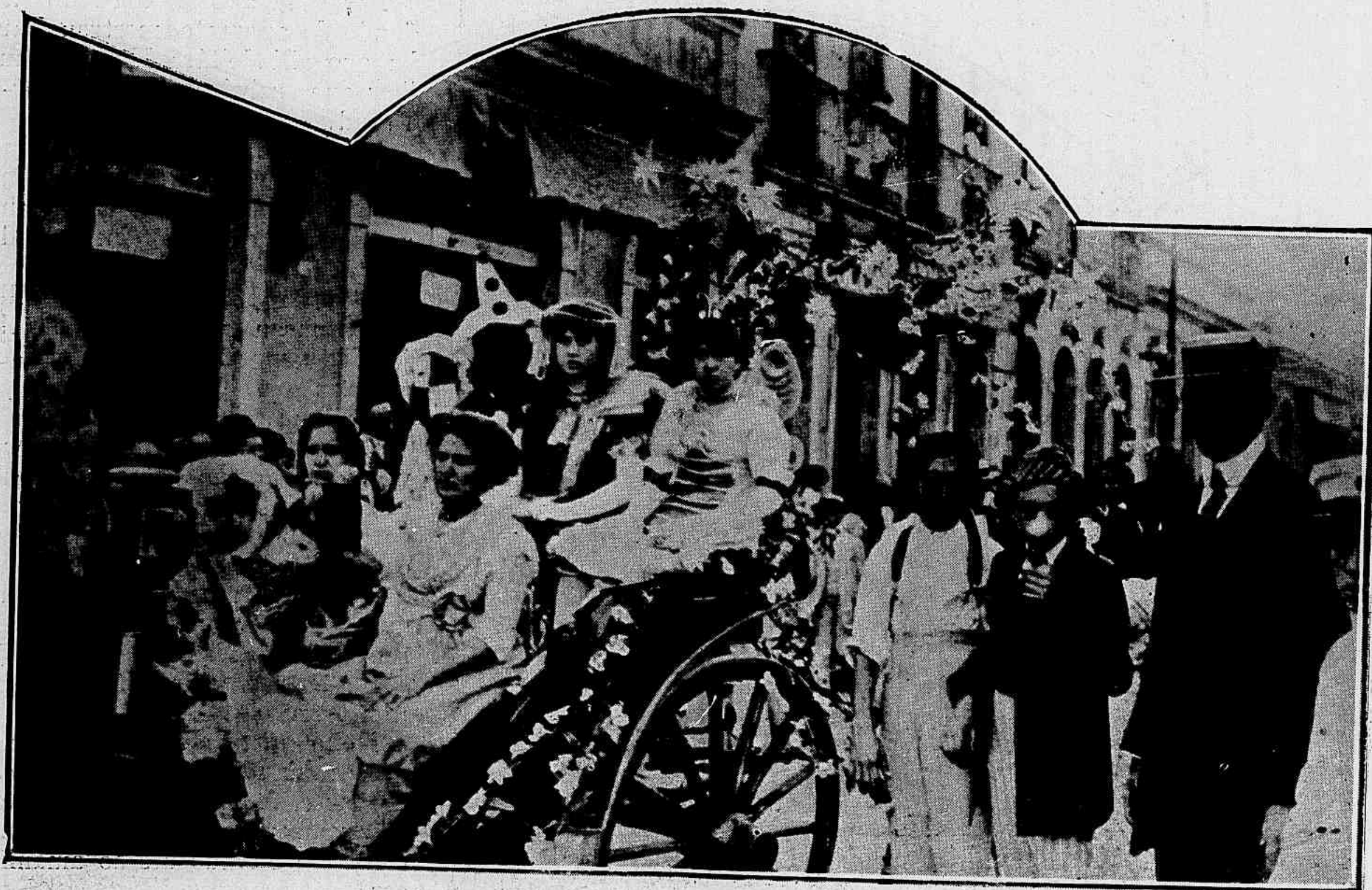
Mas neste momento elle cedeu sobre o solo meio paralysado: *a cortina do leito deu signal de si* e elle tambem, affirmou, contando estes factos que tornaram legendarios no Ouessant, elle tambem viu a mão de ouro.

Um correspondente de Nova York diz que o azeite de algodão considerado ha 30 annos como um producto de segunda ordem, é actualmente um artigo de grande importancia em todo o mundo, principalmente nos Estados Unidos.

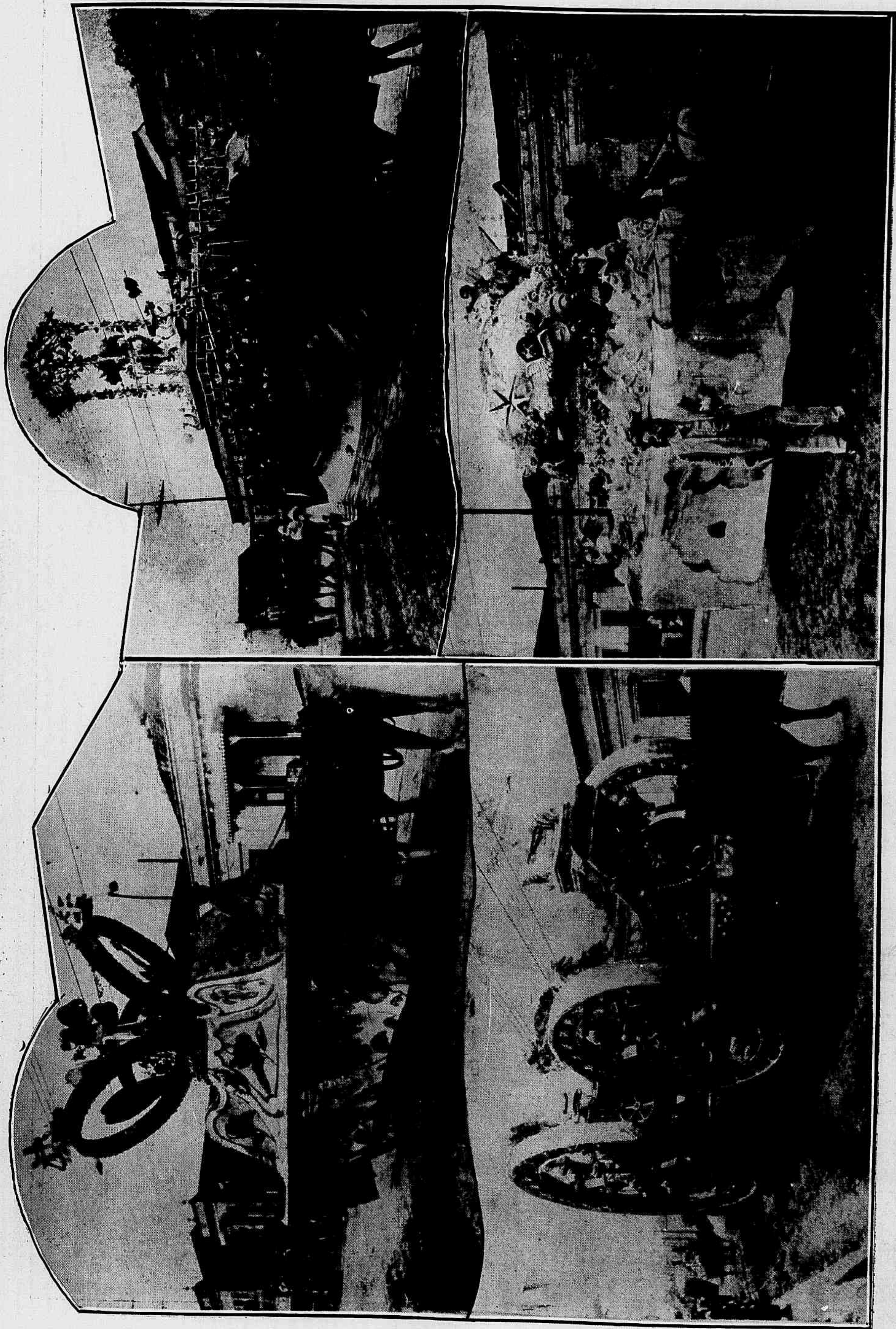
O valor dos azeites de algodão, que era de 23 milhões de francos em 1880, excede actualmente de 625 milhões de francos.

Quanto ao azeite bruto o peso da produção passou no decurso dos ultimos 30 annos de 54 milhões de libras a um milhão e 260 milhões de libras. Só os Estados Unidos consomem cerca de 80 % desse azeite. Os outros principaes consumidores são a Hollanda, a Italia e a Inglaterra. O azeite bruto de algodão é especialmente empregado na fabricação dos sabões e das glicerinas.

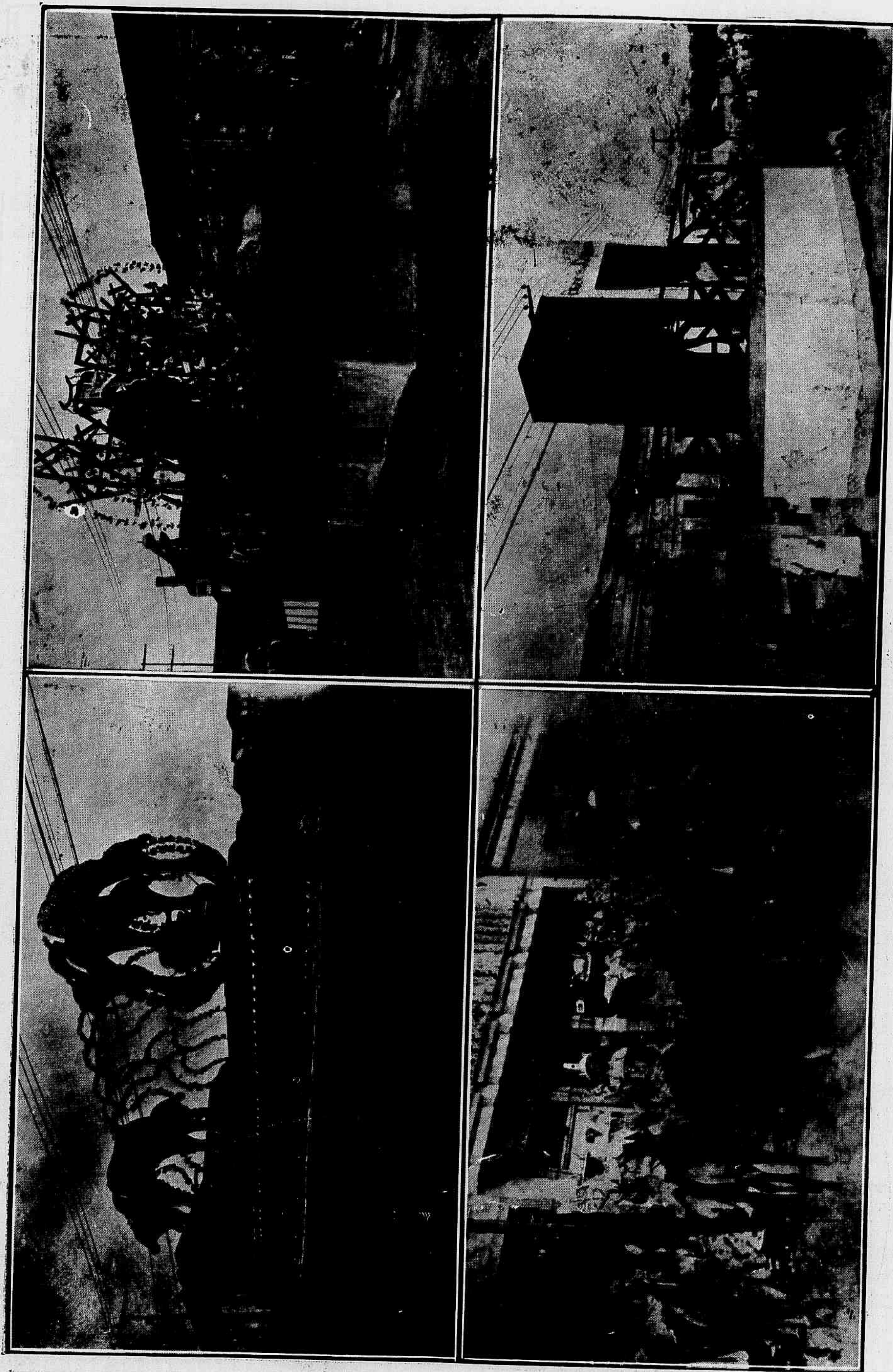
Refinado, esse azeite é agora reconhecido como um producto de alimentação sadio e de um preço modico. Entra nomeadamente na fabricação de uma emulsão, para uso culinario, de gordura de boi ou de porco com o azeite de semente de algodão.



Resistentes da Piedade



Resistentes da Piedade



Resistentes da Piedade

PÃO DE ASSUCAR

Revistando jornaes antigos, encontrámos no *Diario do Rio de Janeiro*, de 11 de Julho de 1871, os seguintes versos feitos a uns chamados Srs. Lisboa & C., que haviam feito a ascensão do Pão de Assucar á unha e a dente.

ASCENÇÃO AO PÃO DE ASSUCAR

“Cesse tudo que a musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta”.

Camões.

Aos heróes do Pão de Assucar,
Me curvo e tiro o chapéo
Pois que andando a quatro... mãos
Chegaram perto do céu.
Nunca ninguem foi tão alto :
Que gente ! cruz, pé de pato !...
Tremo ainda com a lembrança;
Pois eu lendo num jornal
Esse caso sem igual
Chorei como uma criança.

Eram lagrimas de gosto.
Oh ! Patria, te ensoberbece;
Que o valor destes mancebos
Dá-te gloria, te enobrece.
Parece que os vejo lá...
Péga aqui, péga acolá,
Sobre o pico inacessivel
Subindo e não escorregam,
Té que emfim ao cume chegam
Vencendo o proprio impossivel.

Desculpem, moços valentes,
Se um bardo tem a ousadia
De nestes pobres versinhos
Contar vossa bizzarria.
Da patria bem merecestes
Pelo valor que tivestes
Nesta sublime ascensão,
Resta agora o Ministerio
Vos dar (é negocio sério)
Uma condecoração.

E' interessante a publicação destes versos, hoje
que já todos podem provar *do pão o assucar* su-
bindo calmamente pela corda bamba, em 10 mi-
nutos, até onde os heroicos Srs. Lisboa & C. subi-
ram em...? em mais de dez minutos, com certeza.

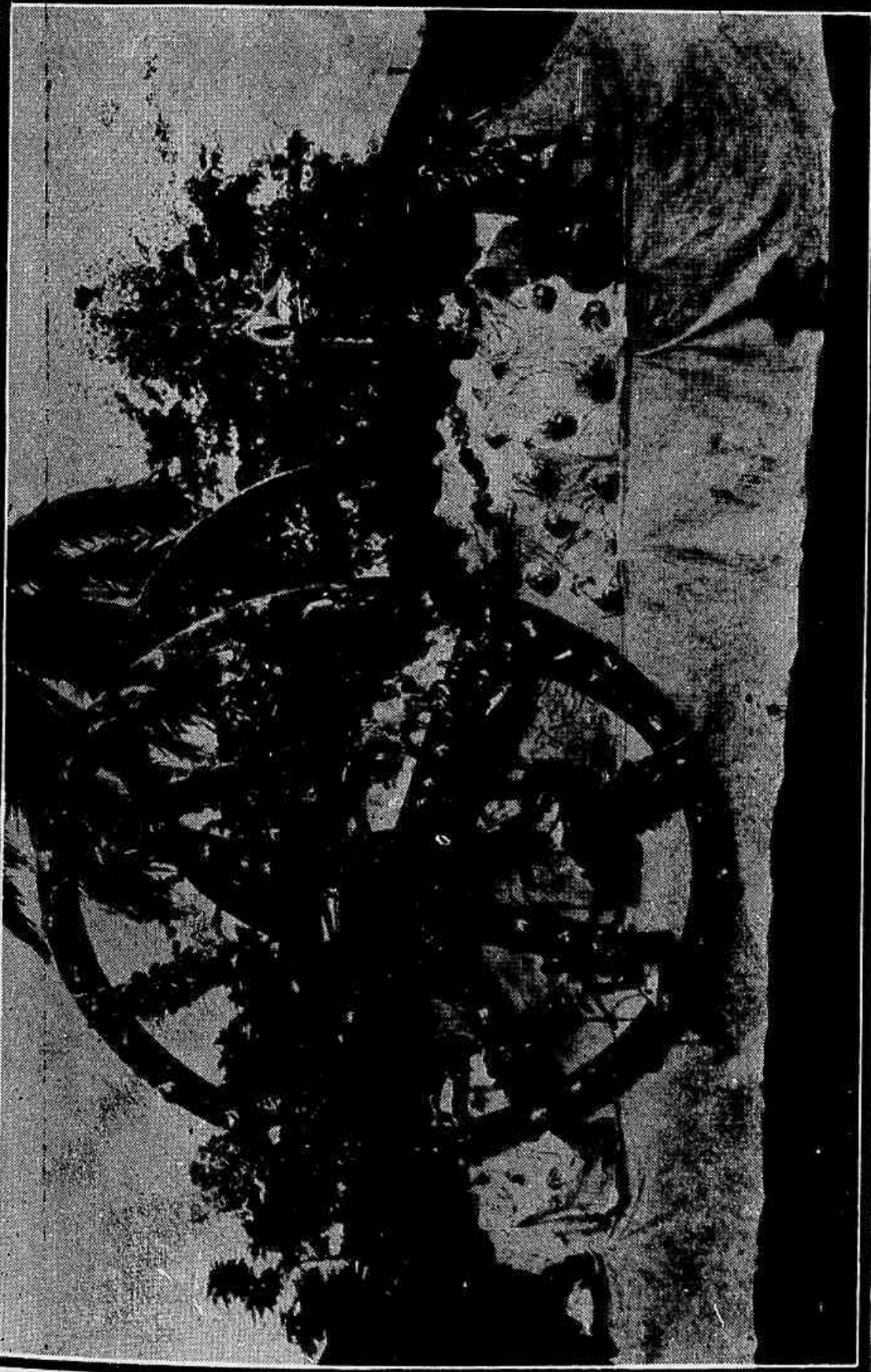
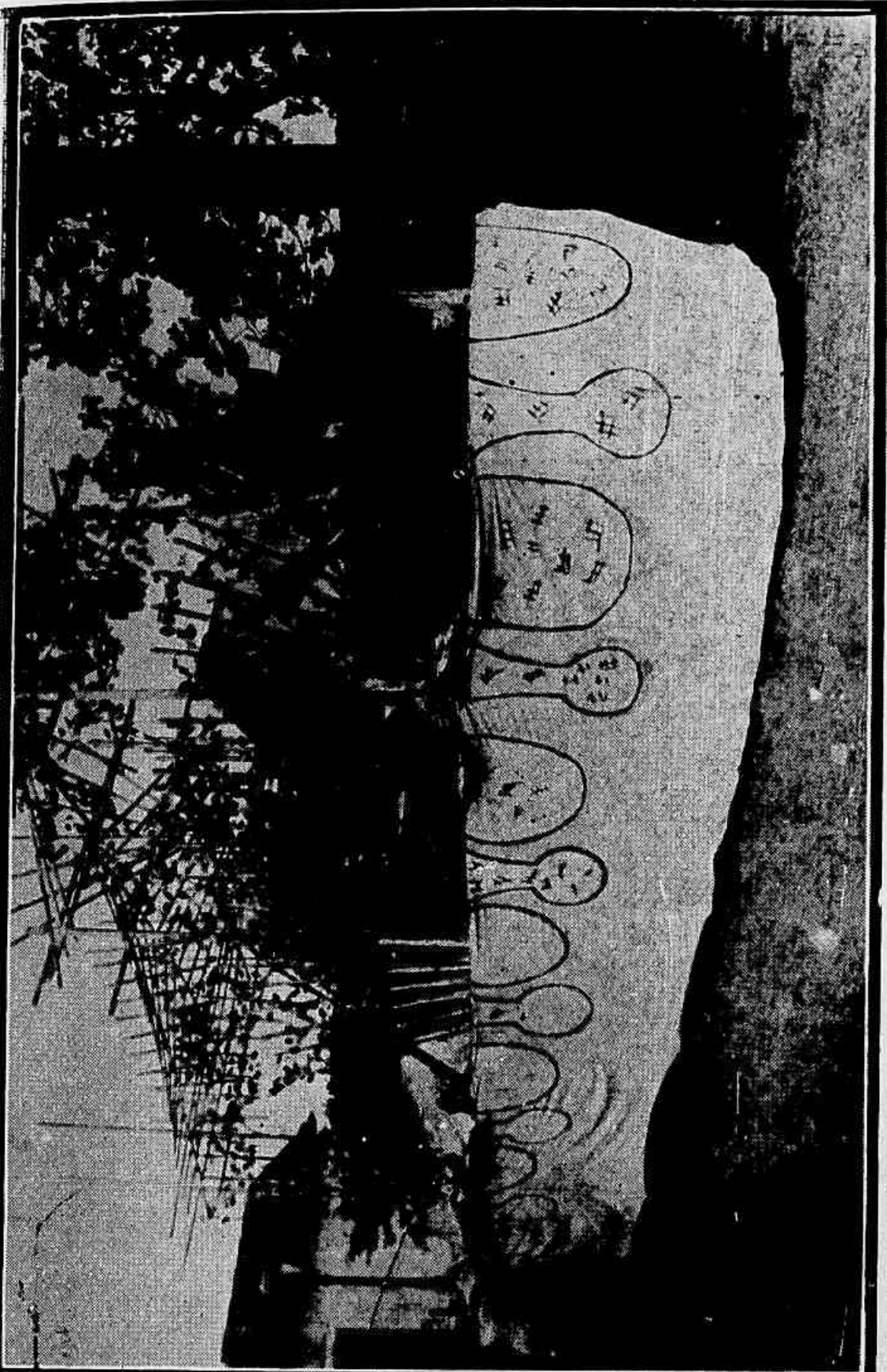
Quanto vale o progresso ! Hoje, endomingado
e branco, pôde o burguez subir ao frontespicio do
gigante; hontem (isso é o modo de dizer) era á
unha e dente, sujo a maltrapilho, que um mortal
podia ter a gloria de ir vêr a bahia Guanabara do
nariz do...

“Dormido atalaia do serro empinado”.

BRAZ.

Um homem verdadeiramente amavel é aquelle
que ouve com interesse as cousas que sabe, da
bocca daquelle que as ignora.

Democraticos de Frontin



VERSOS A UM CHAPÉO VELHO

Velho penante, amigo esburacado,
Reliquia de um passado glorioso.
Foste um cabra *escovado*
E hoje não passas de um chapéu seboso.

E' negra a tua sina
Da côr que do teu pello hoje desmaia;
Despreza-te o belchior alli da esquina
Para não ser a tua Sapueia!

Não vales um pataco
Depois de longo tempo de serviço
E com tanto buraco,
Já não és um chapéu, és um queijo suíço!

A vida, meu amigo, eterno pesadelo,
A todos nos atira aos trancos e boléos:
Foste um chapéu feliz, foste um chapéu de *pello*
E és o mais infeliz de todos os chapéus!

LUIZ.

BROMIL

Cura tosse em 24 horas

Cura bronchite,
asthma e coqueluche



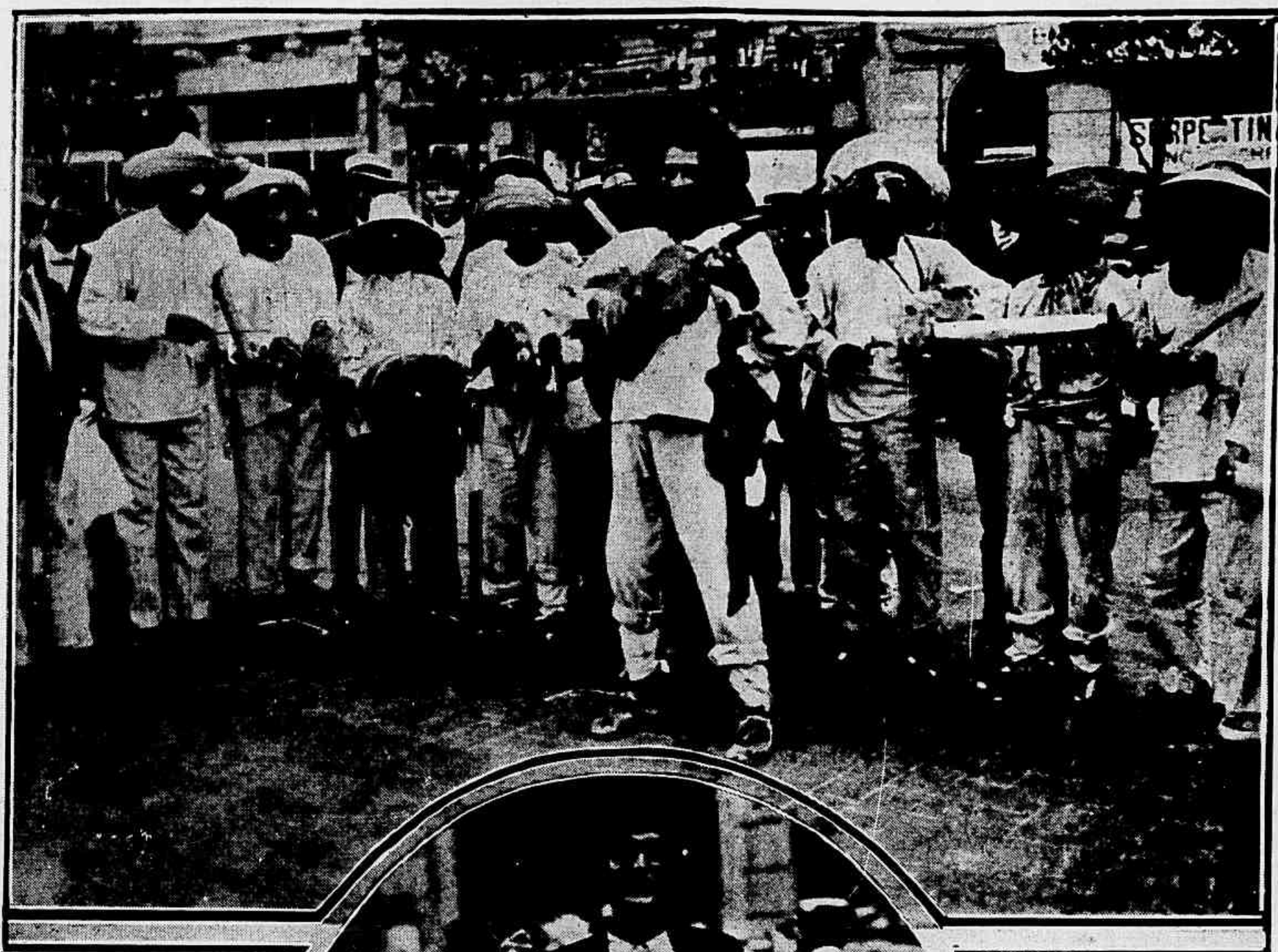
A vida para vós, espiritos suaves,
E' fresca como o brilho e pura como as aves;
E' como um beijo ideal feito de cousas mansas,
Scintillações de luz e risos de crianças.

G. JUNQUEIRO.

Flor do

Andarahy





CARNAVAL

DE

1913

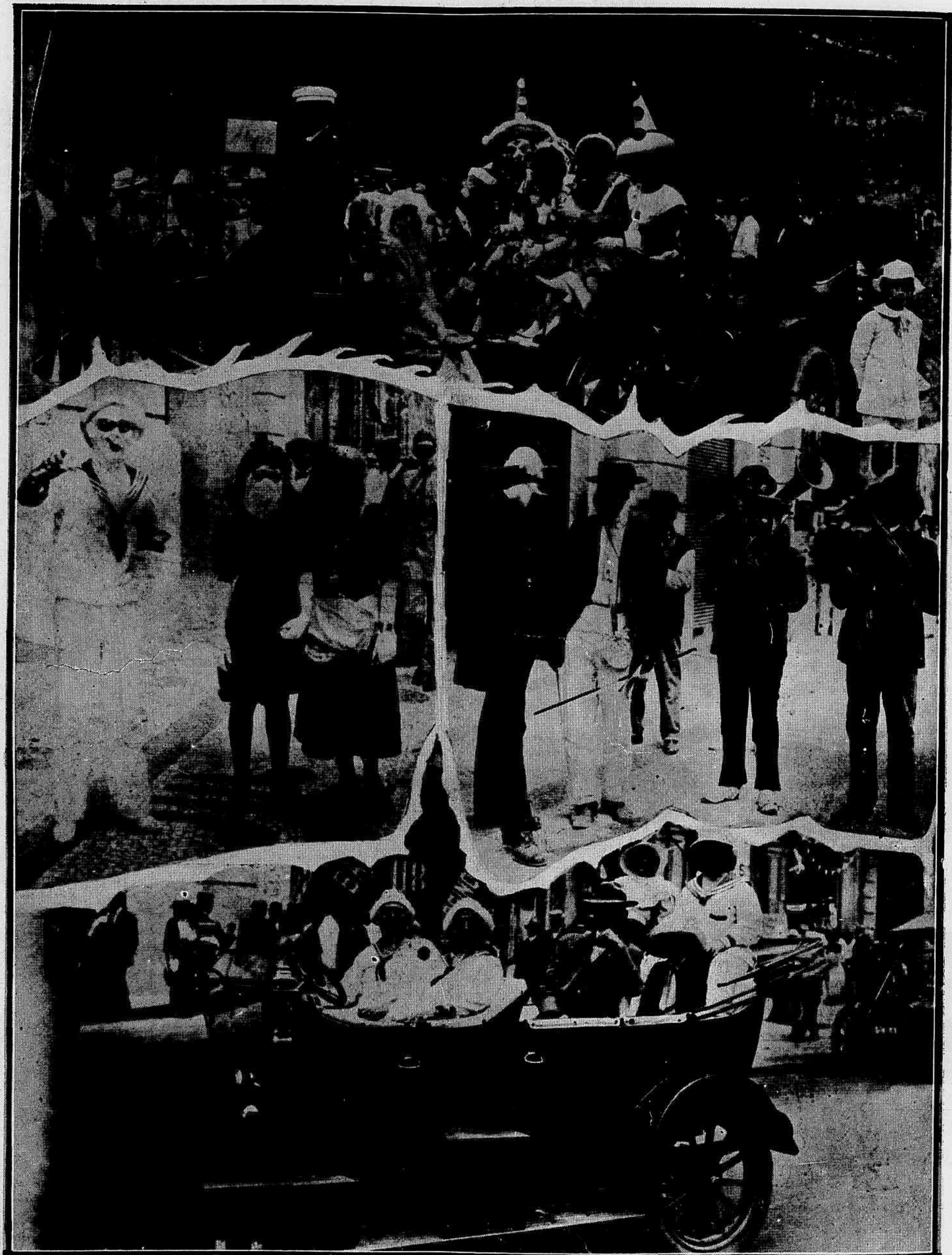


NA

Avenida

Rio Branco





Na Avenida Rio Branco



Na Avenida Rio Branco



Na Avenida Rio Branco



SUPPLEMENTO PARA CRIANÇAS

A REVISTA DA SEMANA publica gratuitamente neste suplemento os retratos de todos os amiguinhos do João Paulino que nos os queiram enviar, responsabilizando-nos também pela restituição das photographias



As aventuras de Pedrinho

VI

— «Eu ! Não Senhor ! Foi este pequeno» - respondeu Pedrinho mostrando um garoto de ar ingenuo. — E's um mentiroso. Vi-te me pregar o letreiro nas costas, quando passava defronte de um espelho e agravavas a mentira com outra ainda peor, accusando o pobre pequeno.

A PLANTA PRECIOSA

Duas criadas, Brigida e Walburge, iam para uma aldeia vizinha do lugar em que ellas moravam; cada uma carregava uma cesta de fructos extremamente pesada.

Brigida não cessava de se queixar e de suspirar; Walburge, ao contrario, ria-se e caçoava.

— Como podes rir de tão boa vontade, lhe disse Brigida, se a

tua cesta é tão pesada como a minha e se as nossas forças são eguaes ?

— Eu, respondeu-lhe Walburge, ajuntei á minha carga uma planta que eu conheço: é ella que me faz achar muito leve o peso que carrego; faze como eu e te acontecerá a mesma cousa.

— Sem duvida alguma, tornou-lhe Brigida, que é uma planta muito preciosa. Quem me dêra ter uma para tornar tam-

bem a minha carga mais leve ! Dize-me por favor o seu nome.

— A planta preciosa, respondeu-lhe Walburge, é tão sómente a unica que tem o poder de alliviar todos os fardos, chama-se a "paciencia".

Quem possui a "paciencia",
Se padece alguma dôr,
Se soffre algum desengano,
E' menor o seu rigor.

NOSSOS CONCURSOS

RESULTADO DO CONCURSO SEMANAL N. 367

Enviaram soluções certas os seguintes amiguinhos:

1, Alvarina de Oliveira; 2, João Paulo Fragozo; 3, Elza Souza; 4, Antonietta Conceição Villas; 5, Carmelia Amaral; 6, João S. Ribeiro; 7, Zulmira Coelho Matheus; 8, Belita de Oliveira Bastos; 9, Antonio Castro da Veiga Pinto; 10, Raul H. V. Vieira.

11, Maria Zelia Carvalho; 12, Maria do Carmo Dias Leal; 13, Donguinha Dias Leal; 14, Homero Dias Leal; 15, Filhote Dias Leal; 16, Marília Dias Leal; 17, José Gomes da Silva; 18, Hilda Gargana; 19, Isabel S. Gonçalves.

Feito o sorteio, coube:

1º premio, ao menino José Joaquim Pereira Filho.

2º premio, a menina Hilda Gargana, residente á rua do Cattete n. 319.

3º premio, a menina Maria de Carvalho e Costa.

Os premiados, desta capital podem vir a esta redacção (Avenida Rio Branco ns. 110 e 112) para receber seus premios, que lhes serão entregues mediante recibo assignado pelo proprio premiado.

Solução do Concurso Semanal n. 368.

FAZENDA

No proximo numero daremos a solução, a lista dos decifradores e o resultado do sorteio, com a distribuição de um premio de DEZ MIL RÉIS e dous premios de CINCO MIL RÉIS.

CONCURSO SEMANAL N. 369

Como se chama um passo da capoeiragem que está no alfabeto?

PREMIOS NOVOS

80º GRANDE CONCURSO

MENSAL — 4 "coupons" do mez de Fevereiro.

1º PREMIO — 10\$000

2º PREMIO — 10\$000

Os quatro coupons do Concurso Mensal, serão recebidos até quinta-feira, 6 de Março de 1913.

80º Concurso Mensal

3 Revista da Semana

15 de Fevereiro de 1913

As soluções serão recebidas até sexta-feira, 21 de Fevereiro e será feito no sabbado, 22, o sorteio para a distribuição dos premios

O 1º de DEZ MIL RÉIS

O 2º de CINCO MIL RÉIS

O 3º de CINCO MIL RÉIS

JOÃO PAULINO

Suplemento da
Revista da Semana
Avenida Rio Branco 110 e
112 — "Coupon" do Con-
curso semanal n. 369.

NOTA IMPORTANTE — As soluções devem trazer o "coupon" acima, a assignatura e residência do leitorzinho, escriptas por sua propria mão e os premios só serão pagos mediante recibo também assignado pelo leitorzinho.

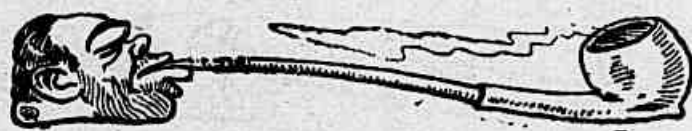
MAIS PREMIOS — A cada leitorzinho que nos trazer soluções para os nossos concursos daremos gratuitamente uma entrada de primeira classe para o excellente

CINEMATOGGRAPHO PARIS

sito á Praça Tiradentes.

Este premio equivale a uma

restituição mais do que triplicada do preço da "Revista da Semana", pois essa revista custa apenas 300 rs. e o cartão de entrada que damos aos decifradores de concursos, para o CINEMATOGGRAPHO PARIS vale 1\$000.



O E'CO

O pequeno Jorge não tinha a menor idéa do que fosse um éco. Um dia elle lembrou-se de gritar no meio do prado: Oh! oh! — e ouviu repetirem no bosque vizinho as mesmas palavras: Oh! oh! — O menino, admirado, continuou a gritar:

— Quem és tu?

A mesma voz mysteriosa respondeu logo:

— Quem és tu?

Jorge ainda continuou: — E's um rapaz muito tolo. — Rapaz tolo! repetiu a voz do fundo do bosque.

Jorge ficou desesperado, redobrou as injurias que enviava ao bosque. O éco sempre as repetia fielmente.

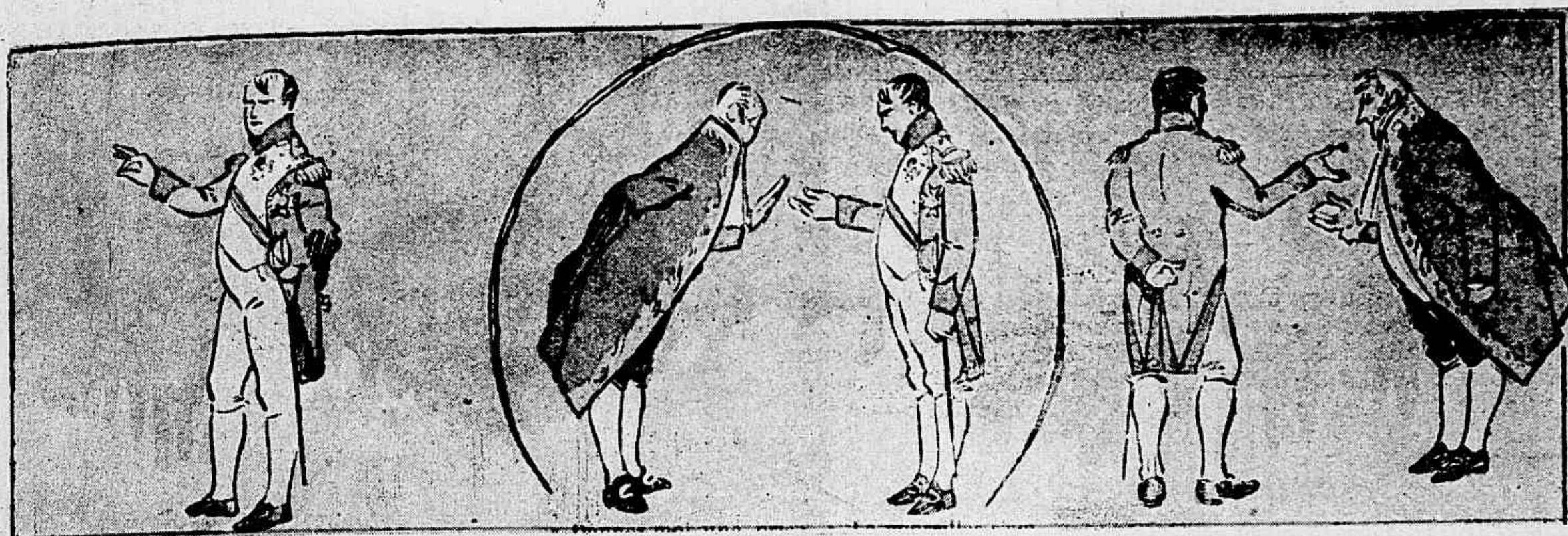
Procurou inutilmente o menino que elle suppunha lhe responder, para se vingar, porém não encontrou pessoa alguma.

Jorge, vendo baldados os seus passos, correu para casa e foi se queixar a sua mãe de que um máo rapaz se tinha escondido no bosque para injurial-o.

— Vê, meu filho, lhe disse ella, tu te accusas e te trahes a ti mesmo. Sabe que apenas ouviste tuas palavras; assim como tens visto teu semblante muitas vezes no regato, da mesma sorte acabas de ouvir a tua voz na floresta. Se houvesses gritado uma palavra delicada, ouvirias outra igual. Tudo é assim neste mundo. A conducta dos outros a nosso respeito é geralmente o éco da nossa. Se tratarmos com benevolencia aos nossos eguaes, elles nos tratarão da mesma maneira; se, porém, usarmos de grosseria, não poderemos nem teremos o direito de esperar melhor tratamento.

O éco repete sempre
Nossos gritos na floresta.
Seja sempre a nossa voz
Casta, pura e modesta.

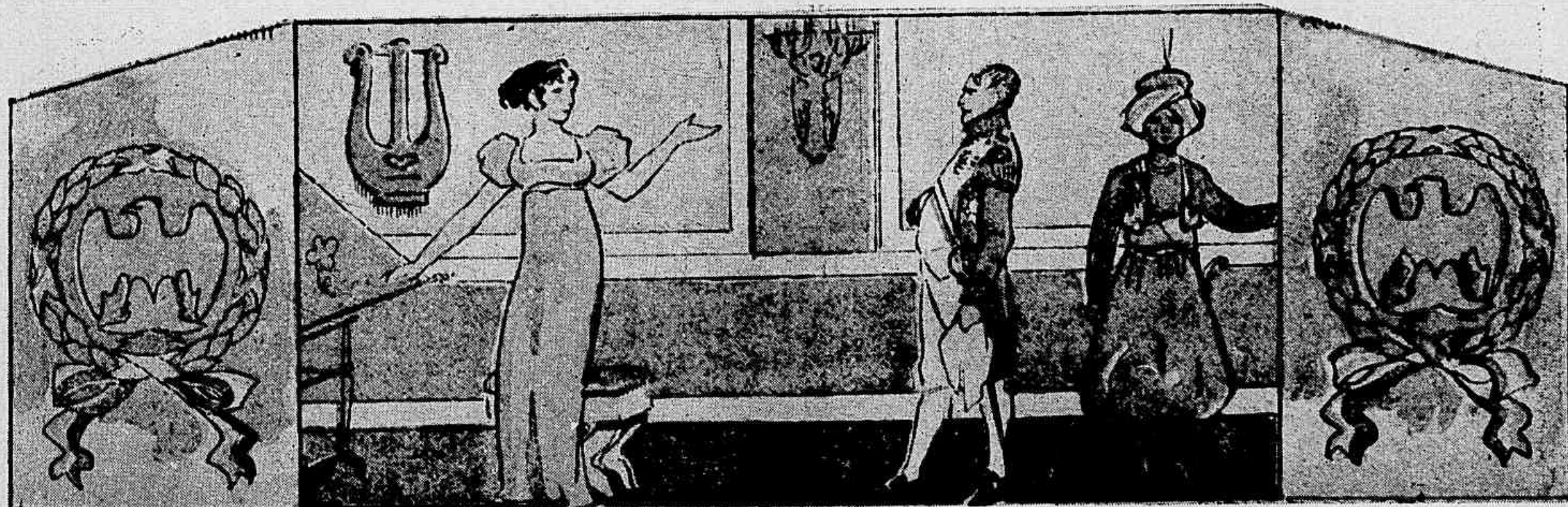
A caixa de rapé do Imperador



1 — Napoleão I tomava muito rapé. Um dia, no Conselho de Estado, faltando-lhe pitada, elle faz signal a um membro do Conselho, agitando o pollegar e o index, o que significava claramente:

2 — “Dá-me uma pitada”. O Conselheiro apressou-se em passar a sua caixa ao Imperador, que tomou a pitada e poz, por distracção, a boceta em seu bolso.

3 — Dez minutos depois o Imperador quiz ainda rapé e fez signal a outro Conselheiro, que lhe passou igualmente a sua caixa. Napoleão guardou tal qual como a primeira.



4 — Isto continuou assim durante toda a sessão. Quando esta

terminou, o Imperador entrou em casa da Imperatriz Josephina.

Elle trazia o seu lenço na mão e quiz pol-o no bolso.



5 — Mas não conseguiu e o lenço cahiu ao chão. Josephina apanhou-o: “Deixa-me tentar guardal-o, disse-lhe ella”. E ella experimenta por sua vez inutilmente. “Mas que tens tu em teu bolso?”

6 — Ella o remexe e tira successivamente seis bocetas de rapé. “Que quer dizer isto? Vaes te estabelecer como negociante de bocetas?” O Imperador poz-se a rir. Elle deu a sua mulher a palavra do enigma,

7 — No dia seguinte, os proprietarios das caixas receberam, cada um uma boceta de ouro adornada de brilhantes... E desde esse dia Napoleão teve o cuidado de nunca mais esquecer-se de sua boceta.

AS NOITES NO CASTELLO

(LANTERNA MAGICA)



1 — Às 8 ½ todo o pessoal está a postos na sala de jantar; crianças na frente, criados no fundo. O dono da casa, collocado junto do operador que faz passar os vidros pela lanterna, dá as explicações.



2 — Estamos na Grecia, em 350 antes de Jesus Christo. E' a grande época grega, o principio da arte e da civilisação. Aqui está o aréopago, tribunal de 31 membros, que se encarrega de fazer e distribuir justiça. Um tra'dor accusado de ter dado explicações ao inimigo...



3 — Sobre as forças da nação é trazido aos juizes, carregado de grilhões. Nada de advogados e promotores. Elle, pessoalmente, se defende e todos o ouvem em silencio solemne. E' condemnado ao exilio e os guardas o levam.



4 — Os transeuntes vêem, da rua, os ricos almoçar às 11 horas. Estão deitados em pequenos leitos pintados de vermelho ou amarello e comem peixes fritos e legumes em conserva de vinagre.



5 — Ao mesmo tempo musicos excentricos, escravos ou prisioneiros, trazidos da Persia e do Egypto, cantam rapsodias e tocam harpa e flauta.



6 — Estamos na Agora, praça onde os cidadãos de Athenas discutem os negocios publicos. Os metques ou estrangeiros e os escravos não têm o direito de tomar parte nas discussões.



7 — Aqui está Diogenes em seu tonel que é um enorme vaso de barro. E' sua casa. Os garotos cercam-n'o e divertem-se em vê-lo comer cebolla; cruas e beber agua na mão.



8 — Passa Alexandre Magno, Rei da Macedonia, no apogeo da gloria. Pára diante de Diogenes e pergunta-lhe:

— Que desejas ? Que te posso fazer ?



9 — Que te retire; da frente do meu sol !
O conquistador não se zanga. Continúa seu caminho, montado no famoso "Bucephalo", cavallo que devia compartilhar a gloria e celebridade do seu dono.



A ABOBORA E A BOLOTA

Um rustico camponez descansava á sombra de um carvalho, e olhava com attenção os filamentos de um pé de abobora que se enroscavam em uma cerca de espinhos.

— Hum ! hum ! disse elle sacudindo a cabeça, não gosto deste arbusto tão pequenino e rasteiro dando fructos tamanhos, emquanto que este carvalho, tão grande e magestoso, dá umas bolotas tão pequeninas. Se eu tivesse feito o mundo, seria o carvalho que daria essas bellas aboboras tão douradas e amarellas, que, segundo me parece, pesa cada uma pelo menos um quintal.

Mar acabava de pronunciar estas palavras quando uma bolota cahiu da arvore com tal força sobre o seu nariz, que o sangue esguichou immediatamente.

— Cruz ! gritou o homem atterrado, eis ahi a recompensa da minha asneira ! Se a bolota fosse uma abobora, a esta hora estaria eu esmagado completamente.

Não ha nada neste mundo,
Desde a terra até aos céos,
Em que não brilhem e fuljam
As maravilhas de Deus.

OS COGUMELOS

Um dia uma boa senhora mandou sua filha Catharina colher na floresta cogumelos, de que seu pae muito gostava.

— Mamãe, bradou a menina entrando em casa, achei muito bons cogumelos; vêde disse ella alevantando a cesta, todos elles são vermelhos como escarlata; parecem ornados de perolas. Ha-

via muitos daquelles escuros que vós trouxestes ultimamente; porém eu não quize apanhar nem um só.

— Insensata ! bradou a mãe com terror, estes bellos cogumelos, não obstante a sua côr e as suas pérolas, contêm um veneno terrivel. Quanto aos escuros que desprezaste, são justamente os melhores, não obstante serem tão feios. Assim acontece, minha filha, com muitas cousas neste mundo: ha virtudes modestas que não brilham, e defeitos deslumbrantes que os parvos admiram. O peccado quasi sempre tenta nos seduzir pelos seus exteriores agradaveis.

Fugi sempre do peccado
Que promette um vil prazer;
E' veneno sempre occulto
Que de dôr nos faz morrer.

OS OVOS DE PASCHOA

IV

A FESTA DOS OVOS VERMELHOS OU A FESTA DAS CRIANÇAS

Passaram-se os bellos dias do verão, e veio o inverno, que foi muito rigoroso, sobretudo nessa região.

As pequenas cabanas do valle ficaram mezes inteiros como que mettidas na neve e os olhos não viam mais do que as chaminés e só uma parte dos telhados. A neve enchia completamente os barrancos; o moinho estava parado, as cascatas estavam mudas e suspensas nos rochedos. O rigor do tempo retinha todos ao redor do lar; cada familia ficava em sua casa. Os carvoeiros ficaram bem contentes ao vêr a neve derreter-se, e a primavera tornar a apparecer com todos os seus encantos.

Então todas as crianças do valle voltaram a visitar a casinha para offerecer aos dous filhos da desconhecida, Edmundo e Branca, ramos de violetas e primulas; e quando os prados começaram a se encher de flores, ellas colheram as mais lindas, fizeram corôas de diversas côres que foram levar á senhora desconhecida. "E' preciso tambem, disse ella commovida por tantas attensões, que eu lhes dê alguma cousa que lhes agrade. Para a Paschoa vou dar-lhes uma festinha campestre, porque esses dias devem ser dias de festa para as crianças.

Nas festas do Natal pude regalal-as com maçãs e nozes que mandei buscar; mas o que posso bem dar-lhes numa estação em que não ha senão ovos? A terra nada produz ainda; as arvores não têm frutas: os ovos são a primeira dadia da natureza renascente.

— E' verdade, senhora, disse a Martha; mas é pena que os ovos sejam todos da mesma cor. Não ha duvida que a cor branca é bem bonita, mas a diversidade das côres das frutas agradam muito mais.

— Excellente idéa que me das, Martha, disse a senhora depois de um momento de reflexão; você vae cozinhar ovos duros, e vou experimentar tingil-os: a variedade das côres ha de agradar muito ás crianças."

A boa e excellente senhora conhecia as plantas e as raizes que se empregam para tingir. Ella tingiu os ovos de cor de azul celeste, de amarello, de roxo, de vermelho; os que estiveram envolvidos em folhas verdes se impregnaram de lindos matizes, e em alguns ella poz divisas.

"Estes ovos tinctos, disse o moleiro admirando-os, convem bem para este tempo, em que a natureza se desfaz de sua veste uniforme para se adornar de mil côres variadas. A boa senhora nisto imita Deus que nos dá frutas deliciosas ao paladar e ao mesmo tempo agradaveis os olhos. As cerejas são vermelhas e as ameixas azues, as pêras amarellas: os ovos que a seihora nos dá têm todas essas côres."

Chegou a festa de Paschoa. Era um lindo dia de primavera. O sol já estava acima do horizonte e espalhava um calor agradável em toda a região; o céu estava puro e calmo, sem uma só nuvem que encobrisse sua superficie azulada. Os prados co-

meçavam a se matizar de flôres; tudo respirava o contentamento; tudo convidava á alegria: era uma vida nova, um dia novo, um verdadeiro renascer da natureza.

Já antes do romper da aurora, a senhora com o velho Kuno tinha-se posto a caminho para ir á missa numa Egrejinha que havia do outro lado da montanha, a duas leguas donde moravam. Todos aquelles que no valle podiam fazer a pé uma tão grande caminhada, acompanharam a religiosa estrangeira, que estava de volta ao meio-dia, graças á diligencia do bom velho, que puxava o asno pelo freio. Quanto á boa gente do valle só chegaram quasi á noitinha.

Apenas chegára a senhora, todas as crianças do valle, da idade do Edmundo e da Branca, que



Nova surpresa! Cada ninho continha cinco ovos!

tinham ficado em casa e que estavam convidados havia muito tempo, acudiram com alegre diligencia. Ella mandou-os ir para o jardim, que o Kuno tinha aformoseado muito no anno que elles alli estavam. Todas as crianças sentaram-se em bancos de relva á roda de uma mesa fixa num rochedo e coberta com um bonito panno. O Edmundo e a Branca estavam no meio dellas. Todas as crianças estavam alegres e contentes, via-se-lhes nos olhos que estavam impacientes por saber o que ia se passar. Na verdade o espectáculo era encantador, vêr-se todas essas cabecinhas louras e pretas, essas carinhas um pouco rosadas, abandonarem-se a todas as impressões que sentiam. A senhora dizia comsigo mesma: "Uma corôa de flôres não é mais linda, fosse ella feita mesma de rosas e de lyrios."

A senhora tomou a palavra e contou-lhes de um modo claro e commovente porque o dia de Paschoa era um dia de tão grande festa. Depois d'isto serviram uma terrina de leite com ovos. Cada criança tinha uma tijella nova; cada uma teve o seu quinhão e achou excellente. Havia perto do jardim um bosque de pinheiros, que estavam separados uns dos outros por bonitos bancos de relva. A senhora levou as crianças para alli e disse-lhes que apanhassem musgo nos rochedos e nas arvores e fizessem ninhos. Todos obedeceram pulando de contentes e dahi ha pouco os ninhos estavam promptos, e foram postos nos differentes bancos de relva, cada criança tendo marcado o seu.

Voltaram outra vez para o jardim. Grande

foi o contentamento quando viram em cima da mesa um grande bolo em fórma de corôa feito de ovos ! A senhora serviu um pedaço a cada uma e enquanto se regalavam, a Martha esquivou-se de mansinho com um cesto cheio de ovos tintos que ella repartiu pelos ninhos: esses ovos azues, encarnados, amarellos, marbreados sobresahiam admiravelmente bem nesses ninhos de musgo verde e terno.

Quando as crianças acabaram de comer, a senhora disse: "Vamos vêr o que fazem os nossos ninhozinhos !" Senhor Deus, que nova surpresa ! Cada ninho tinha cinco ovos da mesma côr e em um dos cinco estava inscripta uma divisa. Que gritaria de contentamento não fizeram as crianças ! Quem poderia descrever esses transportes de alegria ? "Ovos encarnados ! ovos encarnados ! exclamava um ! Oh ! como são bonitos ! Os meus são azues, dizia um outro, azues côr do céu !"

— Eu, eu os tenho amarellos, amarello mais brilhante do que a borboleta que vae alli voando !

— Olha, os meus são de todas as côres !

— Oh ! como devem ser bonitas as gallinhas que põem tão bonitos ovos ! exclamou um menino, eu bem quizera ter uma !

— Ah ! não foram as gallinhas que os puzeram, disse a pequena irmã de Martha, creio antes que foi a lebre que acabo de vêr sahir da matta e correr a toda a pressa, quando fui buscar musgo para fazer o meu ninho."

Ao ouvir estas palavras todas as crianças cahiram ás gargalhadas, dizendo: *A lebre põe ovos encarnados!* gracejo que está ainda em voga em muitas regiões.

"Como com pouca cousa se divertem as crianças ! disse a senhora com ternura, vendo-as tão alegres. Oh ! quem não daria de bom grado ? Como é mais doce dar do que receber ! Quem não quizera estar ainda na idade da simples infancia ? Essa alegria que brilha-lhes nos olhos e em todos os movimentos, só é daquellas que têm o coração puro e sem mancha. O verdadeiro prazer só existe para as almas innocentes."

As crianças pareciam todas satisfeitas e não desejavam mais nada; entretanto, a boa senhora offereceu-lhes ainda mais um divertimento. Quem tinha ovos amarellos desejava tambem ter um encarnado ou um azul; o mesmo se dava com aquelles que tinham ovos encarnados ou azues. A senhora disse-lhes que trocassem entre elles, mas que cada um guardasse aquelle que tinha a divisa. Foi mais uma alegria para elles terem ovos de todas as côres. "Assim é, meus amiguinhos, que devemos nos ajudar uns aos outros, e o que vocês fazem agora, mais de uma vez hão de ter occasião de tornar a fazer em muitas circumstancias da vida. Deus reparte suas graças entre todos os homens, distribue-lhes seus favores, com o fim que elles repartam entre si e que desfructem juntos, e que se amem uns aos outros. Oh ! prouvera Deus que todas as trocas parecessem com a que vocês acabam de fazer ! Todos ganharam com ella e ninguém perdeu !"

O pequeno Edmundo leu a sua divisa. Um pequeno carvoeiro ficou admirado de vel-o lêr: naquelle tempo havia ainda muito poucas escolas, e mesmo muita gente grande ignorava que é bom e util saber lêr e escrever.

O pequeno carvoeiro quiz saber o que estava

escripto no ovo delle. "Oh ! um lindo preceito, disse a senhora; ouve: *E' Deus que te cria; dá graças a elle por sua bondade.*" Depois perguntou ás crianças se tinham sempre dado graças a Deus por ter feito bem a ellas. Esta pergunta fez-lhe lembrar que ellas ainda não tinham agradecido a Deus pela boa refeição que tomaram, nem pelos bonitos ovos que tinham recebido; elles apressaram-se em cumprir este piedoso dever.

Então cada criança quiz saber o que havia de escripto sobre o seu ovo. Chegaram-se todos para perto da senhora estendendo as mãosinhas com o ovo que tinha a divisa e exclamando todas ao mesmo tempo: "Ah ! diga-me o que está escripto no meu ! ah ! leia primeiro este !... Não senhora, faça favor de lêr primeiro o meu !"

A senhora mandou fazer silencio, formou todos diante della, para lêr as divisas cada uma por sua vez. Eram preceitos de moral, simples e ao mesmo tempo curtos. Eil-os:

O primeiro dever, meu filho:
E' de amar a Deus.

Evita peccar:
Deus sabe tudo.

E' Deus quem te cria,
Rende graças á sua bondade.

Um coração reconhecido
Volve-se para o Céu.

Confia em Deus;
Elle te ajudará.

Quem se esquece de Deus
E' sempre infeliz.

Quem venera Jesus
Faz o que elle nos ensina.

A prece e o trabalho
Torna bom e honesto.

A piedade, a bondade, a pureza,
São tres pedras preciosas.

Um bom menino
Obedece promptamente.

Nada aproveita
Em ser desobediente.

Um bom coração
Poupa-se muitos desgostos.

Crianças, quando vocês coram,
E' Deus que te avisa.

A criança amavel e pura
Tem o esplendor da rosa.

A modestia, meu filho,
E' o mais bonito ornamento.

No mentiroso não se tem confiança.

(Continúa)

A familia do Pequeno Vão

(Conclusão)

A vaga recuou, mas deixou Negrinho e Lourinha em um buraco do rochedo, com os olhos fechados, mudos.

Passa um minuto; apparecem tres gaivotas que se curvam sobre os dois corpos inertes.

— Crianças imprudentes. Vês, Gaivotinha? Deve-se obedecer aos paes. Fica aqui que eu e teu pae vamos conduzir estes dois desgraçadinhos á Villa dos Pardaes. Eu os reconheço: elles são primos dos Azas-Vivas. Os seus corações pulsam ainda, elles voltarão logo a si. Sê bem prudente.

O Sr. Gaivoto carrega Negrinho e sua mulher carrega Lourinha; e sobre a mesa da merenda toda preparada, vêem-se de repente pouzar duas aves brancas que partem logo, deixando dois corpos molhados que fazem a senhora de Pequeno Vão dar gritos de desespero, pedindo socorro...

VII

Depois de longos padecimentos e longa convalescença, Negrinho e Lourinha ficaram curados; uma semana após a cura, a vida da familia voltou á tranquillidade.

Ha males que vêm para bem: todas as crianças, principalmente Negrinho, tomaram o exemplo e tornaram-se muito prudentes, o que não os impedia de brincar muito.

No dia do anniversario da senhora de Bellas-Plumas, primos e primas organizaram um sarão. Cada um delles trouxe uma flor differente colhida nos bosques e nos campos.... Rodearam todos a avó.... Cantam em côro; depois cada um delles abraça a senhora de Bellas-Plumas, dando-lhe a flor.

A avó ficou satisfeitiissima e commovida, porque não era a primeira vez que a festejavam com tanta solemnidade. Lourinha falla ao ouvido de seu irmão:

— Fazemos o mesmo no outro anno que vem, para vermos vós chorar e rir.

Quando ha boa brisa a petizada sahe em companhia do vovô... Elle conhece os bons logares, mostra o que falta em casa e elles trazem para a Villa provisões achadas no caminho.

Trabalham todo dia de manhã; trançam fios de vime ou de pa-

lha, e aqui ou alli constróem casas para os Pardaes pobres.

“Devemos fazer a caridade segundo os nossos meios”, diz a avó.

Diariamente vão á casa das duas Deplumadas aprender canto e polidez...

No meio desta aprazível existencia, chega de Amiens uma carta para o senhor de Pequeno Vão.

— São os meus locatarios, diz elle olhando a assignatura.

E lê:

“Caro amigo.

“Não recebemos noticias suas: temos a proposta de um alojamento, no “boulevard” Carnot, menos vasto, menos em condições que o seu, mas que nós tomaremos alugado immediatamente, se o senhor pensa em voltar no dia 31, conforme o nosso contrato.

Sentimo-nos muito bem em sua casa da rua Lamartine. Se tiver algum dia idéa de vender este predio, lembre-se de nós, caro amigo.

Offereça os nossos respeitos a



senhora de Pequeno Vão que esperamos, esteja curada de sua fadiga.

Bons beijos aos seus dois filhos.

Meus irmãos e eu apertamos-lhe cordialmente a pata.

Pio Pedrez, rendeiro.”

Lourinha e Negrinho soluçam. O senhor de Bellas-Plumas e sua mulher, sahem para occultar a sua emoção.

A senhora de Pequeno Vão, subitamente tornada pallida, responde com doçura a seu marido que lhe pede a opinião:

— Meu caro Kiki, decide tu

mesmo a época de nossa partida; eu farei tudo o que quizeres.

— Bom! vou pensar.

Apanha a sua bengala e põe-se a andar atôa pelos bosques e pelas campinas.

Ah! com certeza que elle ama o Norte, a terra de seus antepassados, mas a saude de Rayonnette é ahi prejudicada. Aqui, Rayonnette é alegre e viva; as crianças fortificam-se a olhos vistos e o caracter de Negrinho



modifica-se cada vez mais ao contacto diario com primos e primas. Então, que fazer?

O senhor de Pequeno Vão suspira, hesita, suspira... hesita ainda... Por fim, elle se encaminha para o telegrapho, onde dá á Andorinha telegraphica algumas linhas e volta para a Villa dos Pardaes.

Todas as fronteas estão pensativas, todos os olhos estão vermelhos...

O senhor de Pequeno Vão abraça a senhora de Bellas-Plumas, Rayonnette e os filhos:

— Vamos, riem-se, alegrem-se, sejam felizes... Acabo de telegraphar aos Pedrezes: vendo-lhes a nossa casa. Ficaremos aqui para sempre, minha Rayonnette.

A moralidade, meninos e meninas que acabaes de ler esta historia, é a seguinte: para dar alegria áquelles que amamos, não devemos temer o sacrificio. O sacrificio, attendei bem, é a pedra de toque de uma verdadeira affeição.



ENXOVAES PARA NOIVAS

UNICA CASA QUE NÃO RECEIA COMPETENCIA EM PREÇOS

Enxoval completo para o dia, vestido de tecido fantasia, bem enfeitado — 50\$, 60\$ e 70\$000.

Enxoval completo, com 14 peças, incluindo sapato de pellica, vestido de damasset ou linho e seda, com enfeites de seda — 80\$ e 90\$000.

Reclame — Um lindo enxoval de lã e seda, coliene fantasia ou damasset setim, com 18 peças, incluindo roupa branca, tudo de grande effeito — 120\$000.

Enviam-se amostras livre de porte, pelo correio. — Em nossa bem montada officina, executam-se enxovaes os mais ricos, que as exmas. noivas desejarem. — Confeccionam-se toilettes, para baile ou passeio, a preços razoaveis. — Completo sortimento de fazendas, modas armarinho; artigos para cama e mesa, galões, fitas, rendas, bordados etc., etc. — Secção completa de roupas brancas para homens, bello sortimento de gravatas de pura seda.

FABRICA DE LUVAS DE PELLICA

A VERONICA

79, Rua Uruguayana, 79
RIO DE JANEIRO

TAYUCAROB

UNICO depurativo sem mercurio e sem iodureto
UNICO que cura **eczemas** e **todas as moles-**
tias da pelle

UNICO que póde ser usado em todas as edades e condições,
UNICO composto de plantas que têm propriedades antispyhiiticas

Vejam os attestados que acompanham cada vidro

Depositariorios : — ARAUJO FREITAS & C. — Rio de Janeiro

CAPIVAROL

Elixir de extracto de oleo de CAPIVARA

Iodo phosphatado sem gosto nem cheiro desagradavel. Tónico *nervino, muscular e car-*

diaco; Contém todo o principio activo do Oleo de Capivara sem os inconvenientes d'este. **PREPARADO PELO PHARMACEUTICO CHIMICO**

CARLOS BARBOSA LEITE. Encontra-se em Araujo Freitas & C. e P. de Araujo,

Depositariorios Geraes — RIO DE JANEIRO.

LEIAM O

ANNUARIO ILLUSTRADO DO "JORNAL DO BRASIL"

PARA 1913 — 408 paginas — 2\$000

A PERFUMARIA GASPAR

Praça Tiradentes 18

AVISA AO PUBLICO

Que está funcio-
nando
provisoriamente
à

Rua da Carioca, 77
(proximo à Praça
Tiradentes)



Até a conclusão
do seu novo edifício à

PRAÇA TIRADENTES, N. 18

Telephone 1.112

Telephone 1.112

